RB 197323

Presented to the

LIBRARY *of the*

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

OBRAS POETICAS
DE
NICOLÁO TOLENTINO DE ALMEIDA.

TOM. I.

LISBOA,
NA REGIA OFFICINA TYPOGRAFICA.
ANNO M. DCCCI.
Com licença da Meza do Defembargo do Paço.

SONETO I.

SE a febre atraiçoada em fim declina,
E ſe ſe eſconde a aberta ſepultura,
Ao voſſo rogo o devo, ó Virgem pura,
Por quem me quiz livrar a Mão Divina;

Sem Vós debalde a experta Medicina
Traça, e apparelha a deſejada cura;
Sem Vós o Indio aduſto em vão procura
A amarga caſca da ſaudavel Quina;

Quando em luta co' a morte me contemplo,
Sem haver já no Mundo quem me valha,
Do voſſo grão poder, que grande exemplo!

Venceſtes; e em memoria da batalha
Penduro nas paredes deſte Templo,
Raſgando hum novo Lazaro a mortalha.

A Sua Alteza.

SONETO II.

DE bolorentos Livros rodeado
Móro, Senhor, neſta fatal Cadeira,
De quinze Invernos a voraz carreira
Me tem no meſmo poſto ſempre achado;

Longo tempo em pedir tenho gaſtado,
E gaſtarei talvez a vida inteira;
O ponto eſtá em que, quem póde, queira,
Que tudo o mais he trabalhar errado;

Principe Auguſto, ſeja voſſa a gloria;
Fazei que eſte infeliz ache ventura,
Ajuntai mais hum facto á voſſa Hiſtoria;

Mas ſe inda aqui me ſegue a deſventura,
Cedo ao meu fado, e vou co' a palmatoria
Cavar n'um canto da Aula a ſepultura.

A Sua Alteza.

SONETO III.

Por eſpalhar crueis melancolias
Fui ſeguindo do Téjo a clara veia;
Cheguei ao ſitio, em que ſonóro ondeia
Nas freſcas praias da Real Caxias:

Não vi naquelle, como nos mais dias,
De ſeges, e de tropa a margem cheia;
Não ouvi reſoar na vaſta arcia
Do rouco Patrão Mór as gritarias:

As Tágides gentis não levantavão
Ao lume d'agua as cryſtallinas tranſas,
Seus Hoſpedes Reaes não eſperavão;

Dormia o vento ſobre as ondas manſas;
Só na deſerta praia revoavão,
Alto Senhor, as minhas eſperanças.

No dia dos Annos do Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Marquez de Ponte de Lima.

SONETO IV.

SE as inſignias da Eſcola pendurando,
Honroſas, porém rígidas algemas,
Foſſe em humildes, ſimplices poemas,
O teu Nome ás Eſtrellas levantando:

Se eternas férias aos Rapazes dando,
Me inſtruiſſe em politicos ſyſtemas;
E eſta mão, que atéqui riſcava themas,
Reaes Decretos foſſe regiſtando:

Se do alto da Ajudá, ondé os Deſtinos
Me ſalvaſſem dos dous Quinctilianos,
Déſſe o ultimo a Deos aos meus Meninos;

Que favores, Senhor, tão ſoberanos!
São quaſi incriveis; mas por iſſo dignos
Do fauſtiſſimo dia dos teus Annos.

Ao Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Marquez de Angeja.

SONETO V.

TReze Invernos, Senhor, tenho contado
Depois que o fado meu, triſte, e meſquinho,
Sobre alto aſſento de lavrado pinho,
Me faz ſer de crianças eſcutado:

Metti á força eſte rebelde gado
Dos amenos eſtudos no caminho;
E alçando hum velho, creſpo pergaminho,
Por elle ſans doutrinas lhe hei dictado:

Entre mim, e eſta brava gente moça,
He já teimpo, Senhor, de aſſentar pazes;
Porém ſem Vós receio que não poſſa:

Interponde palavras efficazes;
E fazei com que eu dê, por mercê voſſa,
Suéto para ſempre aos meus Rapazes.

Ao meſmo Senhor.

SONETO VI.

SE me vedes, Senhor, ao voſſo lado,
Não me julgueis teimoſo requerente;
Sou hum calado, manſo pertendente,
E ſó venho fazer-me a Vós lembrado:

Quando ao déſtro Cocheiro for mandado,
Que os fogoſos cavallos appreſente,
Permitti-me que eu vá, entre a mais gente,
E vos dê n'huma venia o meu recado:

Se o trouxerdes, Senhor, bem na memoria,
E puzerdes em mim olhos beninos,
Fareis acção illuſtre, e meritoria;

E eu, por desfeita aos barbaros Deſtinos,
Quebrarei neſte pateo a palmatoria,
Triſte inſignia dos Meſtres de Meninos.

No

No dia dos Annos do meſmo Senhor.

SONETO VII.

Mil virtudes, Senhor, pondo de lado,
E mil louvores, filhos da verdade,
Por malicia ſó louvo a humanidade,
Que com Jarretas tendes praticado:

Hum Rodrigues por Vós agazalhado
Em longa, trabalhoſa enfermidade;
O que he do Sello, e em quem o poz a idade,*
Co' ſeu barrete a par de Vós ſentado:

Dar franco abrigo aos miſeros humanos,
Principalmente aos que já forão moços,
Fará amor em corações hircanos;

Por iſſo enfeito eſtes cançados oſſos,
Por iſſo venho neſte dia de annos
Co' ſentido nos meus, louvar os voſſos.

Em

* Hum Criado, que tinha Officio na Caſa do Sello.

Em outro dia de Annos do meſmo Senhor, que tinha muita lição de Camões.

SONETO VIII.

NEſte dia aos louvores conſagrado,
Por materia, Senhor, tenho a Verdade,
O Preſtimo, a Prudencia, a Humanidade,
E as mais Virtudes, de que ſois ornado;

Faltava ſó eſtilo levantado,
E de roubar Camões tive vontade;
Mas de cór o ſabeis de tenra idade,
E co' furto nas mãos logo era achado;

Dos voſſos Annos, para nós vivídos,
São na Patria ſinceros pregoeiros
De baixa inveja os corações deſpidos;

Jurão-vos iſto os verſos meus raſteiros;
Os do voſſo Camões são mais polidos,
Porém eſtes, Senhor, mais verdadeiros.

Ao meſmo Senhor.

SONETO IX.

NÃo ponho em voſſas mãos a proſa fria
De longa petição impertinente;
Novo genero ſou de pertendente,
Que trato de negocios em Poeſia:

Não peço neſta o que nas mais pedia;
Não fallo nos rapazes certamente;
Fallo, Senhor, por huma afflicta gente,
Que em vós ſómente eſpera, em vós confia:

Hum deſgraçado, que em fatal tormenta
Ora ſoçobra, ora reſurge aſſima,
Seu naufragio por mim vos repreſenta;

Quer que eu vos peça, e que vos peça em rima;
Lembrou-lhe bem; porque o Camões aſſenta
Que ſó quem ſabe a Arte, he quem a eſtima.

Fa-

Fazendo Annos o Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Conde de Villa Verde, hoje Marquez de Angeja.

SONETO X.

EM ſeus braços robuſtos vos tomárão
Os Deſtinos, que á terra hoje deſcião;
E dos dias doirados que tecião,
A fatidica hiſtoria começárão:

Mil brilhantes acções de Vós cantárão,
Que através do futuro ao longe vião;
E entre as couſas famoſas que dizião,
Eſte caſo, Senhor, prognoſticárão:

Por Vós ſerá a mais fortuna alçado
Quem viva treze annos, por caſtigo,
A Narrações, e Exordios condemnado;

Elles, Senhor, vos chamão meu abrigo;
E ſe no mais verdade tem fallado,
Não fiquem mentiroſos ſó comigo.

No dia, em que o meſmo Senhor chegou do Alemtéjo.

SONETO XI.

LArgas do Téjo a eſquerda ribanceira,
Illuſtre Conde, e aos ventos te abalanças;
E eu deixando em decúrias as creanças,
Sahi dous paſſos fóra da trapeira:

Os olhos alongando pela eſteira,
Que hia abrindo o eſcaler nas ondas manſas,
Sentia renaſcer as eſperanças
De deixar os Rapazes, e a Cadeira;

Chega a Lacaio o ſordido garoto,
Cuidadoſo Anſpeſſada a galões finos,
E chega o Goromete a ſer Piloto;

Ou tarde, ou cedo mudão os Deſtinos;
Só eu, Senhor, ſupponho que fiz voto
De não paſſar de Meſtre de Meninos.

Eſcrevendo das Caldas o A. ao meſmo Senhor.

SONETO XII.

AS ferradas muletas encoſtando,
No banho entrava hum velho macilento,
A quem eu em ſizudo cumprimento
Seus males laſtimei, quaſi chorando:

A trémula cabeça hum pouco alçando,
Me pergunta o convulſo rabujento:
= Quem es tu, que aſſim vás o meu tormento
Com triſtes reflexões accreſcentando?

Eu ſou, lhe digo, hum ramo deſgraçado
Da antiga geração dos Tolentinos,
A dar eſcola vivo condemnado;

Maldize, ó Moço louco, os teus Deſtinos;
Que não deve chorar alheio fado,
Quem tem o de ſer Meſtre de Meninos.

Ao meſmo Senhor no dia dos ſeus Annos.

SONETO XIII.

VIr beijar-vos a mão, Senhor, não poſſo
Tão loução, como o dia me aconſelha;
He de pedra enganoſa a Cruz vermelha,
E eſte pobre veſtido he velho, e he groſſo;

Se não trago mais pompa, o crime he voſſo;
Já pudéra, Senhor, em ſege velha
Governando a cordões meia parelha,
Ornar com fitta preta o meu peſcoço:

Veſtido em ar de Corte, feſtejára
Da precioſa vida a luz primeira,
Daquelle que os meus ferros me quebrára:

Na veſpera accendêra huma fogueira;
E em honra voſſa, a minha mão queimára
Quatro bancos de pinho, e huma Cadeira.

Ao meſmo Senhor.

SONETO XIV.

EM puro voto aqui vos dou pintada
De meus ſucceſſos a feliz hiſtoria,
Deixai, Illuſtre Conde, que em memoria
Fique neſtas paredes pendurada:

Vereis huma Cadeira deſtroncada,
Deſpojo honroſo de immortal victoria;
Vereis huma vencida Palmatoria
Entre as Armas de Angeja debuxada;

Se os Náufragos, Senhor, que a praia bejão,
E eſcapárão da morte ás mãos meſquinhas,
Devotas taboas pendurar deſejão:

Acceitai Vós tambem offertas minhas;
Não zombeis do painel, talvez que eſtejão
Com menos cauſa alguns nas Barraquinhas.*

Par-

* Caſa de Romagem.

Partindo para Salvaterra o Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor D. Diogo de Noronha, hoje Conde de Villa Verde.

SONETO XV.

EM quanto ſobre o Téjo prateado
Te infuna freſco vento os ſoltos pannos,
E vás ſer dos amaveis Soberanos,
Com grato acolhimento agazalhado:

Em quanto corres, de eſpingarda armado,
Da fria Salvaterra os campos planos,
Eu cá fico entre os dous Quinctilianos,
Livrinhos a que vivo condemnado:

Se no meio de imagens de alegria
Lembrar d'hum triſte Meſtre a hiſtoria crua,
Que já co' as taes Creanças ſe agonia;

Faze, Illuſtre Senhor, por vida tua,
Que elle poſſa, com muita cortezia,
Pela ultima vez pollos na rua.

Ao meſmo Senhor.

SONETO XVI.

EM quanto, ó bom Noronha, as brancas vélas
Vás felizmente aos ventos desfraldando,
Sobre as aguas te vão acompanhando
Filhas do Téjo as candidas Donzellas:

Largando de oiro fino as ricas téllas,
Vão diante da proa o mar cortando;
No lume d'agua aos ares ondeando
Sobre os hombros de neve as tranças bellas;

Cos' triſtes olhos cá de longe as ſigo:
Sem mim, Senhor, aos ventos te abalanças?
Não foi aſſim em tempo mais antigo;

Mas em vão foges neſſas ondas manſas,
Que através dellas hão de ir comtigo
O meu deſejo, e as minhas eſperanças.

Ao meſmo Senhor, chegando de fóra do Reino.

SONETO XVII.

INda me lembra o venturoſo dia,
Em que pizei comvoſco eſtas eſtradas;
Hoje as deixei dos olhos meus regadas
Com pranto de ſaudade, e de alegria;

Não ſó obrigação, mas ſympathia
Aqui vos trazem eſtas cans geladas,
Que a voſſa Illuſtre Caſa fez honradas,
E donde hão de ir á ſepultura fria;

Hum ginja achais, do Pindo deſterrado,
Hum Banqueiro infeliz, que em jogo groſſo
No meſmo inſtante fica desbancado;

Não ſou quem era no bom tempo noſſo;
Só não achais meu coração mudado,
He ſempre o meſmo, he ſempre aberto,
(e voſſo.

No dia em que naſceo o Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor D. Joſé de Noronha.

SONETO XVIII.

FOrmoſo Infante, aoMundo ha pouco dado,
Gloria, e amor dos inclytos Parentes;
Que á ſombra illuſtre de Troféos pendentes,
No regaço da Paz ſereis creado;

O caminho da gloria achais trilhado
Por mil famoſos, claros Aſcendentes;
Ou na Corte, com maximas prudentes,
Ou na Guerra, com ſangue derramado;

Voſſa vida prolonguem os Deſtinos;
Lereis dos bons Noronhas algum dia
Honroſos Feitos, de ſeu ſangue dinos:

Lereis que o braço ſeu tanto podia,
Que trocava cadeiras de Meninos
Por bancos da Real Secretaria.

No dia em que o baptizou ſeu Tio o Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Principal Almeida.

SONETO XIX.

DA alta Sião as torres levantadas,
Já, Senhor, ante Vós vedes patentes;
Já manão ſobre Vós ſantas enchentes
Do Tio Illuſtre pelas mãos ſagradas;

Se achais no Mundo maximas erradas,
Co' as do puro Evangelho incoherentes,
Ponde os olhos nos inclytos Parentes,
E vereis mil virtudes praticadas:

Segui, Senhor, de ſeus honrados peitos
Nos Politicos Dogmas, ou Divinos,
As ſans doutrinas, e os illuſtres Feitos;

E quando manejardes Calepinos,
Dai-me a honra de ouvir os meus preceitos,
Se eu for ainda Meſtre de Meninos.

Fazendo Annos a Illuſtriſſima , e Excellentiſſima Senhora Marqueza de Lavradio fóra da Corte.

SONETO XX.

SE de alheios lacaios emplumados
Tropel brilhante não abafa a eſtrada,
Nem vedes eſſa mão ſacrificada
A falſos beijos, por coſtume dados:

Vedes em cambio corações honrados,
E ſobre o noſſo roſto a alma pintada;
Vedes, Senhora, a illuſtre mão beijada
Do Eſpoſo, e Filhos, e fieis Creados.

Eſte oiro, que aqui brilha, não tem fézes;
Péga innocencia aos corações humanos
O campo aberto, os ares montanhezes;

Aqui não doira a vil liſonja enganos;
Vinde, Senhora, aqui paſſar cem vezes
O fauſtiſſimo dia deſtes Annos.

A' Illuſtriſſima , e Excellentiſſima Senhora Condeça do Vimieiro.

SONETO XXI.

AOs pés da Illuſtre Vimieiro hum dia
Lagrimoſas Quintilhas recitava,
E o digno coração que as eſcutava,
Da cauſa por que as fiz ſe condoia;

Na ſizuda attenção com que as ouvia
Já por bem pago o triſte Author ſe dava;
Mas a tanto favor ſe adiantava,
Que até a protecção lhe promettia;

Nobreza, diſcrição, ſemblante, agrado,
São contra a má fortuna tantas lanças,
Que me ſupponho quaſi deſpachado;

Mas ſe até falhão eſtas eſperanças,
Vou ſer já na eſcola, já deſeſperado,
Em vez de Meſtre, Herodes das creanças.

Ao Illuſtriſſimo , e Excellentiſſimo Senhor Conde de Villa Verde , hoje Marquez de Angeja , no dia dos ſeus Annos.

SONETO XXII.

EM quanto me inflammar fogo ſagrado
A ſolta , voadora fantaſia ,
Illuſtre Conde , eſte brilhante dia
Sobre aureas cordas ha de ſer cantado ;

Mas já o velho Tempo atraiçoado
Com os gêlos na mão me ſegue , e eſpia ;
E em breve o eſprito , que no ar ſe erguia ,
Das loiras Muſas ſe verá mofado.

Então já frio ginja , mas de gala ,
Rebocados os candidos monetes ,
Farei em proſa huma rançoſa falla ;

E á noite , governando os minuetes ,
Encherei as funções de Meſtre Sala
Com oculos , bordão , e joanetes.

Ao Filho do Illuſtriſſimo , e Excellentiſſimo Senhor Marquez de Angeja em deſculpa de não entrar o A. no ſeu quarto , quando teve bexigas.

SONETO XXIII.

BEm conheço, Senhor, ſem que mo digas,
Que paſſa a ſer hum crime eſte receio,
Em quem por ti ſe deve ir pôr no meio
Das lanças, e de eſpadas inimigas:

Não me lembrar de obrigações antigas,
Nem por onde a fortuna em fim me veio,
He couſa feia; mas inda he mais feio
O ſemblante de hum velho com bexigas:

Das rôxas marcas, que no roſto trazes,
Tua grande bondade me diſpenſe;
Ajunta eſte favor aos mais que fazes;

E qual fez maior bem, o Mundo penſe;
Se teu Pai em livrar-me de rapazes,
Se tu, do cruel mal que lhes pertence.

Pedindo o A. ao Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Conde de Rezende hum Beneficio para hum Sobrinho.

SONETO XXIV.

SE em meio de altas couſas, em que trazes
Por ſerviço do Throno o teu cuidado;
Se de importantes proſas rodeado,
De humildes verſos algum caſo fazes;

Ouve, Illuſtre Senhor, ſingelas frazes
De hum antigo Poeta apozentado,
Cujo aſſumpto, por teima de ſeu fado,
Sempre he pedir que o livrem de rapazes:

Foi Mão Real, e nunca aſsás louvada,
Como em meus verſos muitas vezes leſte,
Quem me livrou da mais rapaziada:

He digna a tua de livrar-me deſte;
Peior que todos; carga mais pezada;
Davão-me os outros pão, e eu dou-o a eſte.

Em

Em agradecimento ao meſmo Senhor.

SONETO XXV.

OS oculos, Senhor, ao ar alçados,
Os Filhos, e a Conſorte compungindo,
Vai piedoſo Jarreta conſtruindo
Em ſanto alpendre os votos pendurados:

Alli moſtra grilhões deſpedaçados,
Rotos baixéis aos mares reſiſtindo,
E pállidos doentes reſurgindo
D'entre Medicos máos, até pintados:

São más as tintas; mas he bom o intento;
E pois que o grato coração ſe eſmera
Em pôr ao Beneficio hum Monumento;

Não te rias do voto que te eſpera;
Em teus altos Portaes ao Mundo, e ao vento
Vou pendurar hum Clerigo de cêra.

Ao Excellentiſſimo, e Reverendiſſimo Senhor Principal Caſtro, pedindo-lhe a ſoltura para hum Eſtudante prezo por turbulento, e em alusão aos Sonetos antecedentes.

SONETO XXVI.

AQuelle de quem Tu o ſangue trazes,
Já me livrou de hum íntimo cuidado,
Deo ouvido piedoſo ao meu recado,
O meſmo fez, que Tu agora fazes.

Em mal polidas, mas humildes frazes,
Hum Soneto lhe foi apprezentado;
O papel vinha em lagrimas banhado,
O aſſumpto, já ſe ſabe, erão rapazes.

Moſtrou ao rogo meu lêdo ſemblante;
E o ſeu illuſtre coração clemente
Honrou, e deſpachou o Supplicante;

Tu es ſeu Filho; e não ſerá decente,
Que ſendo o caſo em tudo ſemelhante,
Só o ſucceſſo ſeja differente.

Em

Em agradecimento ao meſmo Senhor.

SONETO XXVII.

AS piſtólas, Senhor, deitando fóra,
E deſta vez ſem Verdeaes ao lado,
O manſo Ferabrás ajoelhado
A mão vos beija auſtera, e bemfeitora;

Contrafazendo cara de quem chora,
As culpas attribue á inveja, e ao fado;
E por doutas algemas enſinado,
De ſer hum Santo faz tenção por ora;

Não fico pelo novo Penitente;
Só ſei que a mão, que os ferros lhe rompêra,
A mim prezo me deixa eternamente;

E á voſſa porta o vulto ſeu quizera,
Qual do Sobrinho, meu deixar pendente;
Mas homem tal, quem o fará de cêra?

Ao Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Luiz Pinto de Souſa, tendo promovido o deſpacho de hum Irmão do A.

SONETO XXVIII.

SEnhor, deſte Volcão convencioniſta,
Eu, mais que o triſte Irmão, no prigo entrava;
Que tem que ver fuzil, que não matava,*
Co' a ſetta ervada de huma Letra á viſta?

Do Roſſelhão na rapida conquiſta,
Da Magdalena na ſubida brava,
Eu daqui meſmo ao lado ſeu marchava,
Nomeado por elle em Aſſentiſta;

Hoje porém, em que ambos nós curamos,
Elle o golpe do peito, eu os da caixa,
E com a eſpada a bolſa penduramos:

Qualquer de nós o alegre roſto abaixa;
E eſſa mão bemfeitora vos beijamos,
Elle por deſpachado, eu por dar baixa.

Ao

* Tinha ſido tocado de huma bala.

Ao Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Joſé de Seabra da Silva, tendo promovido o deſpacho de huma Tença para as Irmans do A.

SONETO XXIX.

COm pardo, Carmelita veſtuario,
Irmans, que contão já muito Janeiro,
Abrindo-vos tambem hum mialheiro,
Tambem vos eſtão dando o pão diario;

De Regiſtos ao vaſto Santuario,
Com tres lumes accezo o candieiro,
A Tença que lhe déſtes de dinheiro,
Recompensão com outra de hum roſario;

Co' as vozes ſuas vai a minha unida;
Mas riſcavão-me logo de Confrade,
Se a tenção co' as palavras foſſe ouvida;

Peço, Senhor, á Eterna Poteſtade,
Que ao Bemfeitor conceda mais de vida
Os annos que as Devotas tem de idade.

Ao Senhor Conſelheiro Franciſco Feliciano Velho da Coſta, Procurador Fiſcal das Mercês.

SONETO XXX.

SEnhor, hum triſte Alferes reformado,
Pobre, e caſado, além de pertendente,
Seus papeis me appreſenta humildemente;
E quer que vão á Cruz do Taboado;

Apenas lhe cubria o peito honrado
Farpada caſaquinha tranſparente,
Os pobres fazem dó, principalmente
A quem do meſmo mal anda apalpado;

Peguei nas Certidões, fui combinallas;
E depois de arranjallas, e cozellas,
Em nome meu lhe prometti mandallas;

E pois que são Mercês o objecto dellas,
He digno officio em Vós fiſcalizallas,
E em mim coſtume antigo recebellas.

MO-

MOTE.

O Illuſtre, o Benefico Tarouca.

SONETO XXXI.

DE mil Crédores horridas lembranças
Em torno da cabeça revoando,
Irmans rotos çapatos amoſtrando,
E já ſem pós as empeçadas tranças;

Cruel Fortuna, ainda te não canſas,
Tantos deſejos meus em flor cortando!
E com ſceptro de ferro eſtás mandando
Que eu ſeja Meſtre eterno de Creanças!

Ora talvez que brevemente vejas
Hum triunfo eſcapar-te, ó Deoſa louca,
Porque já não ſou eu com quem pelejas;

Conheci nos meus braços força pouca,
Chamei o grande Almeida, os bons Angejas,
O Illuſtre, o Benefico Tarouca.

Na deſpedida da Quinta das Lapas.

SONETO XXXII.

NEſta Quinta, onde mora a sã verdade,
A doce paz, a ſolida alegria,
E aonde da ſuaviſſima Poeſia
Vi correr outra vez doirada idade;

Hum triſte, que partio para a Cidade,
Chorando ſobre as letras que eſcrevia,
No verde tronco de hum cypreſte abria
Eſte padrão da ſua ſaudade =

Em quanto, ó bom Marquez, as Muſas bellas
Vão porfiando a qual primeiro tome
De mirto, e loiro para Vós capellas;

Eſte tronco, que o tempo não conſome,
Irá erguendo ás lucidas eſtrellas
A minha gratidão, e o voſſo Nome.

Aos Annos de hum Juiz do Crime em dia, que tinha acompanhado hum Padecente.

SONETO XXXIII.

ERgueo aos Ceos alegre gritaria
Do eſcuro Tronco o aladroado bando;
E nas rotas abobadas voando
Teu claro Nome reſoar ſe ouvia:

Altanado Marujo em pé ſe erguia,
E a ſuja bolſa com xibança alçando
= Haja vinho, e comer, vamos xupando,
Acceite Baccho eſte ſagrado dia;

Aos bellos Annos, diz, do Illuſtre Ramos
Cem vezes dêmos empinada taça,
Porque por fim com elle nos achamos;

Os antigos grilhões nos deſpedaça;
Daqui nos vem tirar, com elle vamos
Dar goſto ao Povo no Cardal da Graça.

No dia, em que chegou a Náo dos Quintos.

SONETO XXXIV.

SE a larga popa trazes alaſtrada
Cos' prenhes cofres de metal luzente;
Que importa, ó alta Náo, ſe juntamente
Vens de pranto, e penhoras carregada?

Para ver tanta cara envergonhada,
E pôr no Limoeiro immenſa gente,
Para iſto ſurcaſte a grã corrente
Dos ventos, e das ondas reſpeitada?

Se alegras huma parte da Cidade,
Ergues na outra hum ſordido Porteiro,
Vendendo traſtes velhos por metade;

Traz bens, e males teu fatal dinheiro;
Huma alta paz aos homens de verdade,
Hum eſtupor a cada caloteiro.

No ultimo dia de Férias.

SONETO XXXV.

PRégou o eloquentiſſimo Macedo
Em caſta linguagem Portugueza;
Veio a Fortuna ao lado da riqueza
Doirar-me a banca, que eu armei a medo;

Com modo affavel, com ſemblante ledo
Dava alma a tudo a Senhoril Marqueza;
Aſſemblea por fim de tal grandeza,
Que acabando alta noite, acabou ſedo;

Sentio ferver meu cavernozo peito
Eſcumante licor, manjares finos,
Função, a que não anda muito affeito;

No meio diſto os meus crueis Deſtinos
Me lembrão (por não ter goſto perfeito)
Que era o outro dia dia de Meninos.

A dous Velhos jogando o Gamão.

SONETO XXXVI.

EM eſcura Botica encantoados,
Ao ſom de groſſa chuva que cahia,
Paſſavão de Janeiro hum triſte dia
Dous Ginjas no Gamão encarniçados;

Corra, Vizinho, corra-me eſſes dados,
Gritava hum delles, que nem boia via;
De ſangue frio o outro lhe dizia
Mil anexins naquelle jogo uſados;

Dez vezes falha o miſero antiquario;
E ardendo em furia o tremulo Velhinho,
Atira c'uma tabola ao contrario:

O mal ſeguro golpe erra o caminho;
Quebra a melhor garrafa ao Boticario,
Que foi ſó quem perdeo no tal joguinho.

Aos que apontão á Banca.

SONETO XXXVII.

O Coração com ferro temperado
Tinha o duro inventor da Banca injuſta;
Jogo fatal, que tantas penas cuſta,
E que tem fartas bolſas deſpejado;

Quantas vezes eu tive ao ar alçado
Viſtozo parotim, que a Banca aſſuſta!
Quantas vezes o vi, á minha cuſta,
Co' as doces eſperanças derribado!

Já lá ha de ter dado conta eſtreita
Quem inventou a triſte corriola,
Que a cega mocidade a perder deita;

Porque ainda que ás vezes nos conſola,
Em malhando meia hora na direita,
Deixa o maior taful pedindo eſmola.

Con-

Convaleſcendo o A. de humas Sezões, não tendo ainda o Ordenado por inteiro.

SONETO XXXVIII.

A Côr perdida, o géſto demudado,
Sobre hum pobre Sobrinho poſto o braço,
Vou enſaiando o mal ſeguro paſſo
Pelas nuas paredes encoſtado;

De cem papeis de Quina rodeado,
A amarga dóze em freſco Rhim amaço;
Ao cheiro horrivel feias caras faço,
Tendo na mão o fatal cópo alçado;

Seguindo do bom Cunha os documentos,
Vim fazer neſtes campos exercicio,
Lavados ſempre de ſadios ventos;

Aqui mil votos faço ao Ceo propicio,
Que me mude algum dia os creſcimentos,
E me paſſem dos pulſos para o Officio.

Na occaſião da Loteria Ingleza.

SONETO XXXIX.

LOiro rapaz em alto levantado,
Com o ar da Nação, franco, e ſingello,
Ao duro golpe de fatal martello,
Alçava o braço meio arregaçado;

Na movel Urna, onde habitava o Fado,
Mettendo a mão até ao cotovello,
Moſtrava ao Povo tímido, e amarello,
Em negro fio hum papelinho atado;

Alguns groſſo theſouro em ſi continhão;
Mas as Sortes que d'antes ſe fazião,
Para os pobres Tafues de molde vinhão;

Salvas, xouriços, ſempre ao ar pendião;
Real cada papel; de máo ſó tinhão
Que os premios, que erão grandes; não (ſahião.

A hum Taful, que proteſtou não apontar á Banca.

SONETO XL.

QUe tornas a apontar, prometto, e atteſto;
Que eu, paſſaro biſnau, fino garoto,
Depois de já ter feito o meſmo voto,
Jógo o que trago, e jogarei de reſto;

Seguimos os Tafues o meſmo areſto,
Que ſegue nas tormentas o Piloto;
Hum parolim desfeito, hum maſto roto
Tem produzido muito vão proteſto;

Ainda dos ardidos Jogadorés
Vão as pragas ſubindo ſobre o vento,
Já tornão para o jogo os taes Senhores;

He caſo, em que não liga o juramento;
Qual parida, que grita com as dores,
E ſahe prenhe no fim do regimento.

SONETO XLI.

DE infauſtos parolins nunca vencidos,
Mil vezes levantei jogo brilhante;
Perdia-os todos, e no meſmo inſtante
Hião ao chão, ſem ninguem ver, mordidos;

Alvejando entre os lúgubres veſtidos,
A Ninfa Tutelar ſe poz diante;
Na doce voz, no angelico ſemblante,
Vi logo os circumſtantes embebidos;

Indo lavrando o rígido Banqueiro
De marcas numeroſa quantidade,
Ouvi, que me dizia hum companheiro =

Não choremos a noſſa adverſidade;
Porque aonde perdemos o dinheiro,
Perderá muita gente a liberdade.

SO-

SONETO XLII.

Por ti, Senhora Illuſtre, ouvido, e honrado
Do Trinta e Hum á meza me aſſentava
E nos campos do jogo a medo entrava
D'outra batalha ainda enſanguentado;

Moſtrou reſpeito o meu teimoſo Fado
A quem comigo ás vezes converſava;
E ſobre outros Tafues deſcarregava
Os golpes que me tinha preparado;

Já diante de mim o Erario via;
Mas era noite de tão bom agouro,
Que eſte era o menor bem que eu recebia

Sim me dava a Fortuna prata, e oiro;
Mas nos ditos diſcretos que te ouvia,
Me derão as tres Graças hum theſouro.

Entregando o Ponto á Deoſa Fortuna.

SONETO XLIII.

IMpia Deoſa, hum Taful deſeſperado,
Profanando eſtes horridos lugares,
O Ponto queima ſobre os teus altares,
Dom funeſto, que tu lhe tinhas dado;

Recebe em vil triunfo eſte Az raſgado,
Que aqui penduro ao rouco ſom dos ares;
E vem, por ſer mais digno de o acceitares,
Em lagrimas de ſangue inda banhado;

Já puz nas tuas mãos groſſos toſtões;
Mas ſe em paga me dás canſados dias,
Mais não quero provar-te as ſem-razões;

Que aos que apontão, por fim, tu ſempre envias,
Ou com faca na mão para os Pégões,
Ou com tigella para as Portarias.

Ao Jogo do Iſque.

SONETO XLIV.

QUalquer Taful, que nas partidas roda
Logo na meza do Iſque ſe intromette
Ao jogo da triſteza ſe ſubmette,
Eſcravo vil da variavel moda;

Quando em guerras ardeſſe a Europa toda,
E ſuaſſe aos Miniſtros o topete,
Nenhum no aferrolhado gabinete
Andára tanto co' a cabeça á roda;

Deve o jogo cauſar divertimento;
Mas o tal Iſquezinho endiabrado
Mette as ſérias cabeças a tormento;

Eu nunca o jógo; ſó me traz tentado
Biſca cuberta, Truque fraudulento,
Que são os jogos com que fui creado.

A huns Annos.

SONETO XLV.

HUm Taful, que paſſou ao voſſo lado
No férvido Eſtoril hum quente dia,
De cuja bolſa já cotão ſahia,
Que aſſim o quiz o *Séve* endiabrado;

Hoje a Lyra na mão, o roſto alçado,
Largando o cópo, para os Ceos dizia:
= Cem vezes raies, ó ditoſo dia,
Que déſte ao Mundo eſte Taful honrado:

Não lhe peço que imite os ſeus Maiores,
Bem lho encõmenda o ſangue, inda q̃ mudo,
Dos antigos, Reaes Progenitores;

Só lhe peço que faça ao *Séve* eſtudo,
E deixe ſem real eſtes Senhores
Com o cópo na mão topando tudo.

SO-

SONETO XLVI.

EM rotos pergaminhos encoſtado,
Sobre nua Cadeira ao alto erguida,
Vou conſumindo a miſeravel vida,
De bizonhos rapazes eſcutado;

Da antiga Roma o ſeculo doirado
Anda ſempre entre nós em crua lida;
De Cicero a facundia conhecida,
Do puro Horacio o goſto delicado;

Mas deſtes homens mil paſſagens bellas,
Que na cabeça á viva voz lhe encaxo,
Vão-lhe lá hoje perguntar por ellas?

Só para conſolar-me, nelles acho
Os mais bonitos moldes de fivellas,
E de çapatos com entrada abaxo.

Deitando hum Cavallo á margem.

SONETO XLVII.

VAi, miſero Cavallo lazarento,
Paſtar longas campinas livremente;
Não percas tempo, em quanto to conſente
De magros cães faminto ajuntamento;

Eſta ſella, teu unico ornamento,
Para final de minha dor vehemente,
De torto prégo ficará pendente,
Deſpojo inutil do inconſtante vento:

Morre em paz; q̃ em havendo algum dinheiro,
Hei de mandar, em honra de teu nome,
Abrir em negra pedra eſte letreiro =

Aqui, piedoſo entulho, os oſſos come
Do mais fiel, mais rápido ſendeiro,
Que fora eterno a não morrer de ſome.

A hum Sujeito, que pela primeira vez ſe toſquiou para pôr Cabelleira.

SONETO XLVIII.

DEſaffronta eſſes caſcos cabelludos,
E o Sol os veja pela vez primeira;
Saiba tambem eſſa veſtal caveira,
Que ha Nortes frios, e Aquilões agudos;

Chovão-te aos pés os creſpos gadelhudos,
Que te abafão a pállida vizeira;
E rolem ſobre as praias da Junqueira
Ao ſom do vento os ſordidos canudos;

Tizouras, com o gume de cutéllos,
Afiadas em aſperos rebollos,
Deixem-te os caſcos limpos de novellos;

Porém de todo poderás compollos,
Se aſſim como lhe pões outros cabellos,
Pudéras encaixar-lhe outros miolos.

SONETO XLIX.

DEpois que á luz de trémula candêa
Entre os pobres lençoes me revolvia,
E ao cerebro dormente já ſubia
O groſſo fumo da indigeſta cêa;

Brilhante ſonho na enganada idéa,
Por maior mal, venturas me fingia;
Fez-me entrar na Real Secretaria,
Fez-me logo deitar ſege á boléa;

Poz-me na ſala hum eſpaldar comprido,
Hum valído Lacaio em camizola,
E hum Correio com chapa no veſtido;

Eis que ſoa na porta a dura argola;
Foge-me o ſonho, acórdo eſpavorido,
Era hum rapaz, que vinha para a Eſcola.

Satyra ás Contradanças em dias de Procisſões de Quareſma.

SONETO L.

AInda os vagos ares atroava
De velhas Regateiras ſujo bando;
Que a Cruz ſetima vez acompanhando,
A incerta ſalvação aſſegurava;

O devoto Taful ſe alevantava,
Eſcolhida Parceira convidando;
Eu vi hum, que inda os olhos alimpando,
A' caixa da rabeca a mão lançava;

Retine a Contradança nos ouvidos;
Deſtramente ſe trocão pés, e braços,
De que todos ficámos compungidos,

Que eſte era o fim da Procisſão dos Paſſos;
Cuidavamos, mas fomos advertidos,
Que inda faltava o jogo dos abraços.

Pin-

Pintando huma bulha de dois Bebados.

SONETO LI.

DE deſcalços miqletes rodeado,
Por eſcuro armazem da Boaviſta,
Vinha ſahindo hum tremulo xupiſta,
Em rota capa ás canhas embuçado;

Outro que tal o traz deſafiado,
Caximbo no chapeo, calção de liſta;
E fora o caſo, porque o tal copiſta
Pagou primeiro, ſendo convidado;

Ambos errando huma infeliz punhada,
Comſigo em terra os vís Athletas derão
Ao ſom de vergonhoſa ſurriada;

Famoſos fôcos entre os dous ſe eſperão;
Mas a gente ao redor ficou lograda,
Porque em vez de brigar adormecêrão.

A' impertinencia dos Sinos de Villa Viçoſa.

SONETO LII.

QUe importa, ó Torre, q̃ dos Ceos beninos
Chegue o dia a partirmos deſtinado,
Se hum milhão de cabeças tem quebrado
O ingrato ſom de teus teimoſos Sinos?

Entre os males, que os barbaros Deſtinos
Para os noſſos ouvidos tem creado,
Peior que ir-vos ouvir, ſó tenho achado
Ir ouvir as lições dos meus Meninos:

Não poſſo fazer mal ſenão co' a penna;
Se pudeſſe, apontára hum tiro rudo,
E fizera o que fez o Carracena: *

Sinos crueis, vós fazeis raiva em tudo,
Dobrando, repicando; e em fim he pena
Que não toqueis tambem a entrar no Eſtudo.

A's

* General Caſtelhano, que com huma bala quebrou hum Sino em Villa Viçoſa.

A's Fivellas grandes.

SONETO LIII.

EM curto Joſézinho rebuçado
Loiro Paralta a rua paſſeava;
Seus votos pela adufa lhe acceitava
Com brando rizo hum roſto delicado:

O Pai da Moça, que era ginja honrado,
E o caſo havia dias eſpreitava,
De membrudo Caixeiro ſe eſcoltava
Com bengala na mão, xambre traçado:

Fugíra o Moço, qual ligeira péla,
Se as fivelas de marca agigantada
Deixaſſem navegar a Náo á véla;

Mas vio huma entre eſquinas encalhada;
E ſe ninguem comprou maior fivela,
Tambem ninguem levou maior maſſada.

Ao Mez de Janeiro.

SONETO LIV.

TYranno Mez, não te baſtavão frios,
Nem vís catarros, de que vens armado?
Queres tambem que marchem a teu lado
Cõs' Mandados nas mãos os Senhorios?

Em podre throno de caixões vazios,
Na Praça do Depoſito aſſentado,
Goſtas de ouvir Porteiro eſganiçado,
Mettendo a' trote os alugueis tardíos?

Embora ſeja aſſim; Malſins ingratos
Comboiem pela ſuja Cotovia
Os penhorados Domingueiros fatos;

Mas não juntes o eſcarneo á tyrannia;
Não mandes que entre tantos deſacatos
Te chamemos o Mez da Cortezia.

SONETO LV.

CHaves na mão, melena desgrenhada,
Batendo o pé na casa, a Mãi ordena,
Que o furtado colxão, fofo, e de penna,
A Filha o ponha alli, ou a Criada:

A Filha, Moça esbelta, e aparaltada,
Lhe diz co' a doce voz, que o ar serena:
= Sumio-se-lhe hum colxão, he forte pena;
Olhe não fique a casa arruinada:

Tu respondes-me assim? tu zombas disto?
Tu cuidas, que por ter Pai embarcado,
Já a Mãi não tem mãos? E dizendo isto,

Arremette-lhe á cara, e ao penteado;
Eis senão quando (caso nunca visto!)
Sahe-lhe o colxão de dentro do toucado.

A' Mulher que açoitou o Marido.

SONETO LVI.

MUlher do Capelliſta, acaba a empreza.
Que o Mundo ſem razão chamou tyranna
Vai açoitando eſſe infeliz banana,
Nódoa do ſexo, horror da natureza;

A vil rapaziada Portugueza
Com falſa cantilena o Povo engana;*
Nem coifas inventaſte á Caſtelhana,
Nem as vaſtas fivelas á Malteza;

De mais alta invenção he bem te prézes;
Legislando melhor que Tito, ou Numa,
Emendaſte huma lei dos Portuguezes;

Não padece iſto dúvida nenhuma;
A lei açoita a quem cazar duas vezes;
Tu moſtras, que comtigo baſta huma.

A

* Foi objecto de cantigas dos rapazes.

A huma Sege de aluguer.

SONETO LVII.

QUe Sege, Senhor Conde? eu fiz hum voto
De andar antes por mar, e mar cõ Moiros;
He triſte habitação dos máos agoiros,
He hum reſto infeliz do Terremoto;

De aſtuta palmatoria o bico ignoto,
Em vão fura do Macho os ſurdos coiros;
Em vão fulmina rígidos eſtoiros
Do bebado Arreeiro o braço roto;

A parda caixa he documento antigo;
He prova, de que os annos gaſtadores
De cada ponto fazem hum poſtigo;

He Sege tal, que em nada poupa dores;
Por mais que a feche, lá vão ter comigo
As injúrias do Tempo, e as dos Crédores.

SO-

SONETO LVIII.

ARte infeliz, Rhetorica chamada;
Enſino as tuas leis, mas não as creio;
Ou nunca ergueſte fogo em peito alheio;
Ou tu já hoje eſtás degenerada;

Da conjunção dos tempos ajudada,
Teu vão poder ſó dos acaſos veio;
Na demanda fatal, que em ti pleiteio,
Cicero meſmo não vencêra nada;

Quero ſuppôr que a minha cauſa toma;
Veria então que a força dos Deſtinos
Com força de palavras não ſe doma;

E a lingua, que abrandou peitos ferinos,
Que os Povos attrahio, que ſalvou Roma
Me deixaria Meſtre de Meninos.

Definição de Chanfana.

SONETO LIX.

Comprada em asquerozo matadoiro
Sanguinoza forçura, quente, e inteira,
E cortada por gorda Taverneira,
Cujo caxaço adorna hum cordão d'oiro;

Cabeças de alho com vinagre, e loiro,
E alguns carvões, que saltão da fogueira;
Fervendo tudo em vasta frigideira,
Cos' indigestos figados do toiro;

Suavissimo cheiro, o qual augura
Grato manjar, mas que por causa justa
Dá hum sabor, que nem o démo o atura;

Isto he Chanfana, e sei quanto ella custa;
Deo-me o berço, dar-me-hia a sepultura,
A não valer-me a vossa Mão Augusta.

SO-

SONETO LX.

DOs ruſſos Machos na cahida orelha
De tres luſtros a marca anda eſtampada;
Entre as caimbas, hum palmo pendurad
Babando réga a terra a lingua velha;

Troquei por Andaluz, ſerril parelha,
De alegre cara, e corpolenta oſſada;
Os pés ſem ferro, a cauda toſquiada,
E o vaſto bojo cheio de guedelha;

São Machos taes, que natural fereza
Do *Lagoia* á fatal cavalhariça
Os levará co' a ſege a arraſtos preza;

Mas já que em dar-lhe a torna houve preguiça
Se forem ter-lhe á caza por braveza,
Poupo a vergonha de irem por juſtiça.

A humas Sezões teimozas.

SONETO LXI.

NÃo posso mais, crueis Sezões malinas,
Tratar-vos bem como vos hei tratado;
Já mísero cotão sahe despegado
Das rotas algibeiras cryſtallinas;

Buſcai agora a quem chegar das Minas,
Ou quem entronque em linha de Morgado;
Que algum vintem que eu tinha, está fumado
Em Aguas de Inglaterra, Purgas, Quinas:

Mudai sitio, que eu mudo de costume;
Já não revoão neste Promontorio
Rolas de pezo, frangas de xorume;

Torna a surgir no simples refeitorio
O fiel bacalhao, o vil legume,
Que he o que d'antes dava o reportorio.

So-

Sobre proteſtos de não apontar á Banca.

SONETO LXII.

BAbando ſobre ſordida tigella
Subtil Mercurio em pillulas tomado,
Jura o dorído, pállido Soldado,
Nunca mais ver a cara á tal Donzella;

Mas como Fados zombão de cautella,
Com bom capote, á choupa conquiſtado,
Sobre duas muletas encoſtado,
Se poz a aſſobiar á porta della;

Tal, ajoelhado ao vencedor Banqueiro,
Com mil votos formaes, mas ſem virtude,
Jurou a paz eſte infeliz Parceiro;

Chegão as horas, reſiſtir não pude;
E da porta a que fui, vim de dinheiro,
Como o Soldado veio de ſaude.

A hum Cabelleireiro , que por leves ciumes da futura Noiva queimou o enxergão , e ajuſtou outro Cazamento.

SONETO LXIII.

NUpcial enxergão em chammas arda
Em pena do trahido amor primeiro;
Que eſte honrado, infeliz Cabelleireiro,
Pelas manhas da beſta pune a albarda;

Poz logo aos pés de mais formoza Anarda
Seu vago coração aventureiro;
Comprou novo enxergão por mais dinheiro,
Que Amor conſerve em ſua ſanta guarda:

Ouvirão-ſe terniſſimas promeſſas,
A que elle reſpondeo: = Por vida tua,
Dos proteſtos que fazes, não te eſqueças =

Mas praza ao Ceo, que em quanto elle na rua
Enfeita á moda martyres cabeças,
Não lhe fação em caza o meſmo á ſua.

No dia , em que Suas Mageſtades chegárão de Villa Viçoza.

O D E.

TEjo feliz, que as ondas ſerenavas
Aos Reis que conduzias;
E ſoberbo do pezo que levavas,
Queixumes não ouvias;
Sente outra vez os hombros teus cortados
De duras quilhas, de eſporões doirados.

Ferem das praias gritos nas eſtrellas
Do Povo, que eſperando,
Mil vezes abençoa as prenhes vélas,
Que ao longe branquejando,
Lhe vem trazendo ſobre as ondas manſas
Da Luza Gente os Reis, e as eſperanças.

Se abrindo as brancas azas emplumadas
Alvos Ciſnes não vejo;
Se co' as loiras cabeças levantadas
Não vem Filhas do Téjo
A pintada Galera rodeando,
E co' peito formozo o mar cortando:

Se azues Delfins não ſaltão, mergulhando;
Nas ondas prateadas;
Se vaidozos, a quilha levantando,
Nas eſpadoas doiradas,
Não vem guiando a cortadora proa
Aos altos muros da fiel Lisboa:

Se alçando ſobre os mares conquiſtados
A verde, hirſuta frente,
Não vem, inda de ſangue rociados,
Do humilhado Oriente,
Pelo aurifero Téjo, o paſſo abrindo,
Ajoelhar ante Vós o Gange, e o Indo:

Senão vejo na vaga fantazia
Mil imagens brilhantes,
Com que exalta enganoza Poezia
Illuſtres Navegantes,
Falſos enfeites de venal mentira,
Indignos da alta Muza, que me inſpira;

Nos olhos me fuzilla ſanto lume
De ſingela verdade;
Offendem vãos ornatos de coſtume
A auſtera realidade;
As lagrimas que vejo, ternas, puras,
Não são, não são fantaſticas pinturas.

Hum Povo, que vos ama, alvoroçado,
Cubrindo as praias vejo;
Outro deixais, em lagrimas banhado,
Ao Sul do claro Téjo,
Erguendo os voſſos Nomes ás eſtrellas,
E cos' olhos ſeguindo as brancas velas.

Não

Não chegais em triunfo á Auguſta Corte
Com Frota em guerra armada;
Não vejo abrir diante o horror, e a morte
A ſanguinoza eſtrada:
Foſtes vencer co' as armas da brandura;
Todo o pranto que viſtes foi ternura.

Não trazeis ante Vós maniatados
Lagrimozos cativos;
Paternos campos não deixais juncados
De corpos ſemivivos;
Não vejo voltear no altar de Marte,
Tinto de ſangue, bellico Eſtendarte.

Singelos corações a Vós rendidos,
Por triunfo trazeis;
Trofeo maior, do que trazer vencidos
Ricos, ſoberbos Reis;
Talento de reinar, que vos foi dado;
Nos vence os corações, não braço armado.

Fa-

Fazeis alegre entrar na patria terra
O Americano aduſto;
Reconta os cazos da paſſada guerra
A' Eſpoza, que com ſuſto
Lhe vai banhando em lagrimas de goſto
As cicatrizes do cortado roſto.

A forte mão, que ainda fumegava
Co' ſangue não poupado,
Na dura terra com mais goſto crava
O conhecido arado;
E a melhor uzo o ferro convertendo,
Em paz herdados campos vai rompendo.

Eſpalhe ſobre Exercitos cerrados
Sibillantes peloiros;
Colha, de ſangue, e lagrimas banhados,
Os fantaſticos loiros
Quem da Sorte chamar dom ſoberano
Banhar as cruas mãos em ſangue humano:

Amar

Amar a paz, amar a sã verdade,
Enfrear a cubiça,
Saber unir á ſolida piedade
Inflexivel juſtiça,
Eſta he do Throno a verdadeira gloria;
He eſta de meus Reis a honroza hiſtoria.

Em louvor da Amizade.

ODE.

MUza frouxa, e raſteira,
Que o louco Amor, e ſeus triunfos cantas,
He hoje a vez primeira
Que aſſima das eſtrellas te levantas;
Não arda o ſanto fogo
Sempre em materias vans, de rizo, e jogo.

A virtude ſublime,
Filha do Ceo, a candida Amizade,
Que chama feio crime
Voltar a cara á pobre humanidade,
He quem hoje te inſpira,
Quem te apprezenta a deſuzada Lyra.

Debalde negro fado
Cubrio meus dias de fortuna eſcura;
Debalde tem jurado
Ser meu contrario até á ſepultura;
Não dar-me valimento,
Deixar meu nome em baixo eſquecimento.

De Solares antigos,
Nem theſoiros herdei, nem vã grandeza;
No ſeio dos Amigos
Me poz o Ceo mais ſolida riqueza;
Não teme duro fado
Quem alcançou fiel Amigo ao lado.

Sobre inhóſpita praia
Lance o mar o Navio deſtroncado;
No rolo d'agua ſaia
O náufrago Piloto deſcórado;
Arêas não pizadas
Enſope o triſte em lagrimas canſadas;

Se

Se em tão duro caſtigo
O Ceo, por novo caſo não penſado,
O encontraſſe co' Amigo,
Que anda da cara Patria deſterrado,
Chorára de alegria,
Feliz talvez chamaſſe o triſte dia.

O eſcravo na corrente,
Em mizero ſuor banhado o roſto,
Encha d'oiro luzente
A mão cruel, que os ferros lhe tem poſto,
Do Mineiro avarento,
Que tem no ſeu theſoiro o ſeu tormento.

Albino impaciente
Cos' olhos, e as eſperanças no Oceano,
Veja vir do Oriente
A Náo com oiro, e com marfim Indiano;
Veja o porto afferrado,
Chame-ſe embora bemaventurado.

Nada diſto appeteço;
Sabem os Deozes, e por elles juro,
Que os votos que lhe offreço,
Naſcidos vem de coração mais puro;
Que eſtes bens não invejo,
Que levanto a mais alto o meu dezejo.

Se nos ſerenos ares
Lhe vão ſuſpiros meus, d'alma mandados;
Se deixo ſeus altares
De minhas puras lagrimas banhados;
Se os commovo á piedade,
Meus votos são por ti, ſanta Amizade.

Dem-me fieis Amigos,
Moſtrem-ſe embora em tudo o mais, irozos;
No meio dos caſtigos
Lhes chamarei benignos, e piedozos;
Amigo verdadeiro,
Tu vales mais que o Univerſo inteiro.

Ao Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Viſconde de Villa Nova da Cerveira, depois Marquez de Ponte de Lima.

O D E.

DOze vezes voltando o ardente Eſtio
Cos' férvidos Agoſtos,
Quando o quente ſuor alaga em fio
Os encalmados roſtos,
Me achou ſentado em Trípode de pinho,
Gritando a hum Povo barbaro, e damninho.

Doze chuvozos, rígidos Janeiros,
Os tectos deſtroncando,
Me deſtruírão pennas, e tinteiros,
Sobre elles gotejando;
E o rouco Sul, que em torno aſſoviava,
Das frias mãos os themas me levava.

For-

Fortuna inexoravel, que envenenas
Doiradas eſperanças;
Que com ſceptro de ferro me condemnas
A eſtupidas Creanças,
E que entre carunxozos, coxos bancos,
Me vás fazendo eſtes cabellos brancos:

Tu carregando a feia catadura,
Que amedrenta os humanos,
Queres que eu chegue á triſte ſepultura
Cos' dois Quinctilianos?
E que em eterna, poſthuma memoria,
Me gravem no ſepulchro a Palmatoria?

Que meus orfãos Diſcipulos chorando
A perda que fizerão,
Os Livros ſobre o feretro raſgando,
Que nunca percebêrão,
Digão: = Com pranto noſſo Meſtre honremos,
Quatro ſoluços a ſeus oſſos demos?

Que de altos bancos, negra eça armando,
E de batinas velhas,
Vão do mudo Auditorio atormentando
As attentas orelhas
Com Orações, á queima roupa, cheias
De apóſtrofes, e vans prozopopéas?

Que n'alta noite tempeſtoza, e eſcura,
Em horrorozo ſonho,
Vejão erguer da fria ſepultura
Eſte eſpectro medonho
A caſtigar, como fazia em vivo,
O crime de hum errado accuzativo?

Sabio, e Illuſtre Viſconde, que te alçaſte
Aſſima dos Deſtinos,
Que em teu peito o ſaber entheſoiraſte
De Gregos, e Latinos;
Que em contínua lição attento enchias
Teus ſocegados, bem vividos dias:

Tu,

Tu, Illuſtre Senhor, em quem agora
Os olhos fitos tenho,
Eſtende a mão benigna, e bemfeitora
A meu humilde engenho;
Que ſe era ſó ás brandas Muzas dado,
Mais longe irá, ſe for por ti levado.

Algum talento, que me deo natura,
Seria a mais alçado,
Se eu tiveſſe a grandiſſima ventura
De ſer por ti mandado;
Se do alto engenho, de que não prezumes,
As inſtrucções bebeſſe, e os vivos lumes.

Não me atrevo, Senhor, a pedir tanto,
Meus fracos hombros vejo;
A tão altas eſp'ranças não levanto
Temerario dezejo;
Conheço ha muito o meu fatal Deſtino,
Eu não naſci de tal fortuna dino.

Mas não encolhas, Inclyto Cerveira,
A mão de que eu me valho;
Converta-ſe o trabalho da Cadeira
N'outro qualquer trabalho;
Longe de Eſcolas, longe de Creanças,
Farto com pouco minhas eſperanças.

Se em nome de teus Reis a mil tiraſte
Das mãos da crua morte;
Se as chapeadas portas franqueaſte
De ſoterrado Forte,
Acção maior, e inda mais pia fazes,
Tirando-me das garras dos Rapazes.

Conſente-me depois que a Lyra tome,
Em que aureas cordas vejo;
E que invocando teu illuſtre Nome
Sobre as praias do Téjo,
O Lima cante em ſonorozo verſo,
O Lima, que te deo o Nome, e o berço.

E em memoria do grande beneficio,
Lá nas margens do Lima
Irei cravar a inſignia deſte Officio,
Lançando arêa em ſima;
E em tronco annozo de copado freixo,
Cortada em verſo, eſta Eſcritura deixo =

Fugi, Rapazes, aqui corre riſco
Mocidade atrazada;
Não he Leão, ou fero Baziliſco;
Não he Serpe enroſcada
O que encobre eſta funebre memoria,
He peior que iſſo tudo, he Palmatoria.

Ao Illuſtriſſimo , e Excellentiſſimo Senhor Marquez de Angeja.

O D E.

NEſte deſpido tronco pendurada,
Acaba, ó triſte Lyra,
Dos dezabridos Nortes açoitada;
Mão branda não te fira,
E fica volteando ao ſom do vento,
Qual Sella do Cavallo lazarento. *

Sempre, Lyra infeliz, ſempre tocaſte
A fechados ouvidos;
Feminís corações nunca amolgaſte
Com teus écos ſentidos;
Em vão louvavas, junto a Apollo loiro,
Huns alvos dentes, huns cabellos de oiro.

Dei-

* Tem aluzão ao Soneto n. 47.

Deixaſte o louco amor, e temperada
Novas cordas forcejas;
Em ti a clara fama foi cantada
Dos Illuſtres Angejas;
Deſte que em mar, e terra o mando eſtende,
Que ſerve hum Throno, e que de dois deſcende.

De meus pezados dias lhe contaſte
A lagrimoza hiſtoria;
Na eſquerda mão hum Livro me pintaſte,
Na outra a Palmatoria;
Com carregado, ríſpido focinho,
Dictando Leis em Tribunal de Pinho.

Condoer-ſe moſtrou da vida eſcura,
Que aos olhos lhe tens poſto;
Pareceo-me que vi nova ventura
Moſtrar-me o ledo roſto;
Cuidei, que nunca mais, quando tocaſſe,
Com teus ſons, o meu pranto miſturaſſe.

Dos juſtos Reis os olhos penetrantes
Sua alma conhecêrão;
Mil pezados Negocios importantes
Nos hombros lhe puzerão;
E a grandes coizas por ſeus Reis chamado,
Tirou de ti os olhos, e o cuidado.

Debalde aprende torto corcovado
D' airoza dança os paſſos;
Em vão déſtro *Dupré*, impertigado,
Lhe puxa os curtos braços;
Em vão lhe enſina as leis da ligeireza;
Não mudão ſabias mãos a natureza.

Lyra infeliz, debalde ſe atropella
A força dos Deſtinos;
A minha infauſta, ſanguinoza eſtrella
Influio nos teus hymnos;
Que effeito ha de fazer teu ſom ſereno,
Se da mão que o tirou leva o veneno?

De baixos verſos ſegue o vil fadario,
Diverte a rude gente;
Pinta longevo, tonto Boticario,
De dois dados pendente,
Que alçando a fraca mão, bate nas pernas,
Porque inda a tempo vio deitar *quadernas.* *

Tu não tens doces vozes moduladas,
Que os manſos ares talhão;
As nove Irmans, por ti tanto invocadas,
De tuas Odes ralhão;
Debalde lhe pediſte o ſanto fogo,
São máos teus verſos, porque eſquecem logo.

Neſte dezerto funebre te arrojo,
E de ti me envergonho;
Fica, dos ventos mízero deſpojo,
Neſte ſitio medonho,
De lúgubres cypreſtes aſſombrado,
A' ſolidão, e á noite conſagrado.

Fa-

* Tem aluzão ao Soneto n. 36.

Fará éco dos montes na quebrada
O ſom, que ao vento eſpalhas;
Do curvo bico te verás picada
Das agoireiras gralhas;
E cuberta de ſecco, unutil funxo,
Manjar ſerás do roedor carunxo.

Se alguma vez ao pé deſte dezerto,
Onde o campo verdeja,
Vieſſe reſpirar hum ar aberto
O Claro, o Illuſtre Angeja,
E ao ſocego dos campos conſagraſſe
Hum-hora, em que aos Empregos ſe furtaſſe:

Se vieſſe eſte dia que appeteces,
Então não te acovardes,
Imita, para ver ſe o interneces,
A Lyra de Bernardes;
E em quanto for paſſando, ó triſte Lyra,
Em lugar de tanger, geme, e ſuſpira.

MEMORIAL

A Sua Alteza.

SEnhor, ſenão he injuſto,
Que hum triſte afinando a Lyra,
Entre eſperanças, e ſuſto
As canſadas cordas fira
Ante Vós, Principe Auguſto:

Nos ſons que ella der ao ar
Irão meus ais de miſtura;
E dignai-vos de eſcutar
Deſconcertos da ventura,
Que Vós podeis emendar.

Em nada á verdade falto,
A dor me aviva a memoria;
E por não entrar de ſalto,
Deixai, Senhor, que eſta hiſtoria
Tome o fio de mais alto.

Entre faixas de pobreza
Meus triſtes Pais me envolvêrão;
Deſde então, em crua empreza,
Contra mim as mãos ſe derão
A Fortuna, e a Natureza.

Da terna Mãi abraçado,
Fui em ſilencio profundo
Com triſte pranto banhado;
Já antevia, que o Mundo
Tinha mais hum deſgraçado.

Meu bom Pai debalde quiz
Enxugar-lhe o pranto ardente,
Que ella, alçando-me, me diz:
Vem, ó Victima innocente,
De hum amor caſto, e infeliz:

Toma os triſtes cabedaes,
Em que teu fado te lança;
Toma pranto, e inuteis ais,
Entra na funeſta herança
De teus deſgraçados Pais.

Mas,

Mas, Senhor, he pouco avizo
Reaes ouvidos magoar,
Mudar de eſtilo he preciso;
E ſe a dor me der lugar,
Unirei pranto com rizo.

Depois que plano caminho
Já meu pé trilhando vai,
Pobre Alfaiate vizinho
De hum capote de meu Pai
Me engenhou hum capotinho:

Talhando a obra, maldiz
A empreza, que lhe incumbírão,
Fez nigromancias com giz,
Sete vezes lhe cahírão
Os oculos do nariz:

Sua obra ſe conſagre
No portal das Barraquinhas
Com groſſas letras de almagre;
Tapou geiras, paſſou linhas,
Fez hum capote, e hum milagre:

Colxete no cabeção,
Sahi novo Adonis bello,
Figa no coz do calção,
Carrapito no cabello,
E hum biſcoitinho na mão:

Sobre ſizudo Gallego,
Que vaza barril fiado,
Já aos trabalhos me entrego;
E em triſte pranto lavado,
A' porta de hum Meſtre chego:

Debalde o bom mariola
Doirava razões pequenas;
Minha dor não ſe conſola,
Preſagio talvez das penas
De outro tempo, e de outra Eſcola.

Entre medos, e violencia
Entrar no Latim já poſſo,
E jurei obediencia
A hum Clerigo, que era hum poço
De tabaco, e de ſciencia:

D'en-

D'entre o ſordido roupão,
Com a pitada nos dedos,
E o Madureira na mão,
Revelava altos ſegredos
Do Adverbio, e Conjunção.

Era em Grammatica abyſmo,
Honrava o Seculo noſſo;
Porém de tal rigoriſmo,
Que poz na rua o ſeu Moço,
Por lhe ouvir hum ſoleciſmo.

Entre o Jota, e o *I* Romano,
Que differença ſe achaſſe,
Trabalhava havia hum anno;
Obra, que ſe elle a acabaſſe,
Feliz do Genero humano!

Em quanto a minha alma emprégo
Neſtas canſadas doutrinas,
A' doirada idade chego
De ir ver as vaſtas campinas,
Que banha o claro Mondego.

Co' as cabeças mal compoſtas,
Vejo entre goſtos, e medos,
Mãi, e Irmans á adufa poſtas;
Chovião Cruzes, e Credos
Sobre as minhas bentas coſtas.

Já em rapidas carreiras
Calcava a real eſtrada,
Sem chapeo, ſem eſtribeiras;
Já a catana empreſtada
Cortava o vento, e as piteiras.

Curta, embrulhada quantia,
Que ao deſpedir me foi dada,
Eſpirou no meſmo dia;
E fui fazendo a jornada
Quazi com Carta de Guia.

Mas já vejo a branca fronte
Da alta Coimbra, fundada
Nos hombros de erguido monte;
Já ſobre a arêa doirada
Vejo ao longe a antiga Ponte.

Povo revoltozo, e ingrato
Dentro em ſeus muros encerra,
Em vão de adoçallo trato;
He hum titulo de guerra
A chegada de hum Novato.

Pão amaſſado com fel,
E envolto em pranto, comia;
Levei vida tão cruel,
Que peior não a teria,
Se foſſe eſtudar a Argel.

Soffri contínua tortura,
Soffri injúrias, e aſſintes,
Lancei tudo em eſcritura;
E nos Novatos ſeguintes
Fiquei pago, e com uzura.

Da bolſa os bofes lhe arranco
No freſco pateo de Cellas,
Pedindo com genio franco
Doces, gratuitas tigellas
Do famozo manjar branco.

Sete annos de verde idade
Fui mettendo a déſtra mão
Em multas deſta entidade;
Chamou-ſe boa feição,
Mas era neceſſidade.

Achava-me ſempre o dia
No tecto os olhos pregados;
A ſagaz Economia,
Revoando nos telhados,
Ao conſelho prezidia.

Gemer em ſegredo pude;
Que o bom Pai, falto de meios,
Quanto cheio de virtude,
Só mandava nos Correios
Novas da ſua ſaude.

Quiz de taes ondas ſahir,
E algum bom porto afferrar;
Quiz ao Público ſervir,
E mandárão-me enſinar
As regras de perſuadir.

Triſte, enganoza Sciencia!
Dão-lhe louvores, mas falſos;
Dizem que póde a eloquencia
Ir tirar dos cadafalſos
A perſeguida innocencia:

Que chega do peito ao fim,
Que arranca forçado pranto;
Mas, Senhor, não he aſſim;
Eſta Arte, que louvão tanto,
Só me faz chorar a mim:

Pende da hora opportuna;
Sem ella verá raſgadas
As ſoltas vélas que enfuna;
Arraſta véſtes doiradas,
E he eſcrava da Fortuna:

Não a vejo em mim fruſtrada,
Só porque pouca me coube,
De ſi meſma he mal fadada;
A lingua que mais a ſoube,
Foi em Roma retalhada.

Dezeſeis annos gaſtados
Já no ingrato officio vão;
Triſtes verſos, mal limados
Puz na voſſa Auguſta Mão,
Em dor, e em pranto forjados:

Nelles, Senhor, vos contei
As minhas longas fadigas;
Hoje o meſmo não direi,
Nem co' as lagrimas antigas
Os voſſos pés banharei.

Para nova, e juſta dor
Peço hoje a voſſa piedade;
Preſtai-lhe ouvidos, Senhor,
Funda-ſe na humanidade,
Merece o voſſo favor.

Rotos os laços do Mundo,
Entre palavras truncadas,
Que bem moſtrão d'alma o fundo,
Orfans em pranto banhadas
Me entrega o Pai moribundo.

Filhas, já o eſpirito cai;
Já o ſangue gela, e canſa,
Meus frios olhos cerrai,
Ahi tendes a voſſa herança,
Ahi tendes o Irmão, e o Pai:

Eu, entretanto, ſuſpiro;
Sobre o pranteado leito
D'entre os braços o não tiro;
Quebrou junto do meu peito
O ſeu ultimo ſuſpiro.

Senhor, de meios ſou falto;
Mas do Pai, que aos Ceos ſubia,
Em nada aos preceitos falto;
Debaixo da campa fria
As cinzas me fállão alto:

Vai com mão igual cortado,
Entre os Irmãos infelizes,
Pão com lagrimas ganhado,
Que ſem os fazer felizes,
Me deixa a mim deſgraçado:

Se nos Officios ſe approva
Haver augmento, e progreſſo,
Não haja tarifa nova;
Não ſeja o meu duro acceſſo
Da Cadeira para a cova:

Antes que me adorne a fronte
Barrete felpudo, e denſo;
E ao Sol no alpendre do Monte,
Esfregando o creſpo lenſo,
Cazos do meu tempo conte:

Antes que as forças ſe vão,
E que eu viva agazalhado,
Boldrié ſobre o roupão,
N'uma Botica ſentado,
Vendo jogar o Gamão:

Antes que entre vís ſequazes,
Sendo victima irrizoria
De mil galopins vorazes,
Em lúgar da Palmatoria,
Dê co' bordão nos Rapazes:

Tende dó do meu lamento,
Pois que benigno o eſcutais;
A piedade, e o acolhimento
São dos Corações Reaes
O mais honrozo ornamento:

Pobres, chorozos Irmãos,
Que em mim tem debil columna,
Não êrgão dezejos vãos,
Vejão na minha fortuna
A obra das voſſas mãos:

Proteger a cauza honeſta,
Ter dos triſtes dó profundo,
Trocar-lhe a ſorte funeſta;
Senhor, a gloria do Mundo,
Ou a não ha, ou he eſta.

Mas já longa narração
Vai levando longe a méta;
Já parece, e com razão,
Mais que papel de Poeta,
Ou Teſtamento, ou Sermão.

Minha dor me fez fallar;
Fiz queixas aſsás compridas;
Dignai-vos de deſculpar,
Que moſtre o enfermo as feridas
A quem lhas póde ſarar.

MEMORIAL

Offerecido ao Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Viſconde de Villa Nova da Cerveira, depois Marquez de Ponte de Lima.

SEnão deſprezais, Senhor,
As valias que hoje levo,
Que são lagrimas, e dor,
A ſupplicar-vos me atrevo
Queirais ſer meu Protector.

Minhas ſúpplicas não tem
Das Leis o direito auſtero;
Apprezentar-ſe hoje vem,
Não ao Miniſtro ſevero,
Sómente ao homem de bem;

Vão ſobre o dó, e a verdade
Meus ſingelos rogos feitos;
He meu Juiz a Piedade,
Vem fundados meus direitos
Sobre as leis da humanidade.

Sá de Miranda, em quem vi
Que de Jove as loiras Filhas
Abrigára junto a ſi,
E em quem das doces Quintilhas
Sómente a rima aprendi:

Quiz que hum dia o ſeu bom Rei
Perca com elle meia hora;
Menos tempo pedirei;
E alguns inſtantes agora
Comigo, Senhor, perdei.

De mil trabalhos cortado,
E de longos annos cheio,
Pai tão velho, como honrado,
Pôr ſobre os meus hombros veio
Da pobre caza o cuidado.

Acceita, ó Filho, me diz,
Eſte pezo triſte, e honrozo;
Já ao Ceo mil votos fiz,
Que poſſas ſer tão ditozo,
Quanto eu fui ſempre infeliz:

Paſſei meus canſados dias
Sobre os mais filhos chorando;
Entre tanto tu creſcias;
Já de longe eſp'ranças dando,
Que de Pai lhes ſervirias:

Na longa deſgraça minha
Ternamente os abraçava;
Em doce paz os mantinha;
E muitas vezes lhes dava
Conſolações, que eu não tinha:

Filhos naſcidos em dor,
Naſcidos para infelizes,
Sou voſſo Pai ſó no amor;
Eu quiz deixar-vos felizes,
Ninguem acertou peior:

Mas deſta dor importuna
Sómente os Fados culpai;
Quiz ſer a voſſa columna;
Intentallo he do bom Pai,
Sêllo, ou não, he da fortuna:

Triſte velhice, e pobreza
Tirão-me a obra da mão;
Toma tu, ó Filho, a empreza,
Toma a honroza obrigação,
Que eu te ponho, e a Natureza:

Queira o Ceo que certas faças
As antigas eſperanças
Do triſte velho que abraças;
Que não deixa mais heranças,
Que honra inutil, e deſgraças.

A triſte falla acabou,
Que nós em ſilencio ouvimos;
A todos nos abraçou,
Doces lagrimas lhe vimos,
Com que a natureza honrou.

Senhor, ſe a fiel pintura,
Com que a minha fraca mão
Eſta ſcena vos figura,
Move em voſſo coração
Sentimentos de ternura;

Animai o juſto ardor,
Em que ſe accende o meu peito;
Fazei que eu poſſa, Senhor,
Ser do paternal preceito
Hum fiel executor.

Se eu dar cumprimento quiz
A quanto o bom Pai diſpunha;
Se em fim, quanto pude, fiz,
Sede vós a teſtemunha,
Como foſtes o Juiz.

Moças Irmans deſvalidas,
A quem dou pobre ſuſtento,
Forão por vós deferidas;
Vivem em ſanto Convento
Dignamente recolhidas.

Pão com lagrimas ganhado
Lhe adoça a dura pobreza;
Por mim ao meio cortado
Lhe vai da ſingela meza
Com sãos dezejos mandado.

Quem tem riqueza infinita,
E farta aos ſeus os dezejos,
Só de máo o nome evita;
Ninguem deve ter ſobejos,
Em quanto ha quem neceſſita;

Mas eu pobre, e deſgraçado,
Sou dos Irmãos a columna;
Sou infeliz, mas honrado;
Dom aſſima da fortuna,
Por iſſo o não tem levado.

Auſtera Filoſofia
Dentro de meu peito mora;
Sendo eu ſó, a ſeguiria;
Mas triſte familia chora
Pelo pão de cada dia.

De inuteis lagrimas cruas
Ver os Sobrinhos banhar
As mimozas carnes nuas,
E ir ſómente miſturar
Minhas lagrimas co' as ſuas:

Era dar rédea á impiedade,
Com que a deſgraça os opprime;
Pelas leis da humanidade
Não eſtá longe de crime
Huma ocioza piedade;

Dai-me vós, Senhor, a mão,
E neſta obra ajuntemos,
Vós poder, eu coração;
Huma familia tiremos
De mizeria, e de afflicção.

Noſſo Bemfeitor ſereis;
E matando crua fome,
De bom Pai nos ſervireis;
De Pai o ſagrado nome
Na boca nos ouvireis;

Não uzar palavras dobres,
Não ajudar com mão parca
Os deſvalidos, e os pobres,
He, Senhor, a honroza marca
D'almas, como a voſſa, nobres.

Mas onde as vélas infuno?
Talvez já tenho abuzado
Do eſcaſſo tempo opportuno;
Fez-me a ſorte deſgraçado,
Mas não me faça importuno.

São mágoas, vim repetillas,
Poſſa a piedade eſcutallas;
Gaſtareis, depois de ouvillas,
Menos tempo em conſolallas,
Do que eu puz em referillas.

MEMORIAL

Offerecido ao Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor D. Diogo de Noronha, hoje Conde de Villa Verde.

ILL.mo E EXC.mo SENHOR

AS proveitozas lições dos noſſos dois Portuguezes Bernardim Ribeiro, e Franciſco de Sá de Miranda, com que V. EXCELLENCIA fazia uteis ao ſeu eſpirito aquellas horas, que a natureza, e muito mais a moleſtia, lhe tinhão deſtinado ao deſcanço do corpo, creárão inſenſivelmente no meu coração amor a eſta eſpecie de Poezia, na qual os ſeus Authores ſouberão tratar a alteza de penſamentos, e de ſolida Filoſofia, de que vão cheios os ſeus Livros, em hum eſtilo facil, e deſaffectado, e em huma linguagem verdadeiramente Portugueza, que parece fugio de nós com os bons Authores, que então a fallárão.

V. EXCELLENCIA me fazia a honra de mandar, que eu lhe lêſſe eſtes dois pre-

preciozos Livros; e a Muza, que prezide ás minhas trovas, affeita áquella lição, rimou em Quintilhas, e carregou de moralidades, talvez intempeſtivas, o Memorial, que ponho nas mãos de V. EXCELLENCIA com muito reſpeito, e com muitas eſperanças.

Os meus Verſos, que nunca forão bons, ſoaráõ agora muito peior nos ouvidos de V. EXCELLENCIA, bem coſtumados áquellas doces Poezias, as melhores que no ſeu genero ennobrecêrão o noſſo bom Seculo de Quinhentos; mas como neſte papel faço a figura de Poeta, e de Pertendente, contento-me de que V. EXCELLENCIA, já que não póde achar doçura nos meus Verſos, ache juſtiça no meu Requerimento; e eſpero do ſeu benigno coração, que o homem infeliz ache hoje aos pés de V. EXCELLENCIA aquelle acolhimento, que não deve eſperar o máo Poeta. Iſto dezeja, Senhor, e iſto eſpera

De V. EXCELLENCIA

O Criado mais humilde, e mais Venerador.

Lu-

LUctando em crua peleja
Com meu fado eſquivo, e duro,
Que derribar-me dezeja,
Buſco hum azilo ſeguro
Na Illuſtre Caza de Angeja:

A tão bom porto acolhido
Me vedes, Senhor, diante,
Qual co' molhado veſtido
Surge triſte naufragante,
Quazi das ondas comido:

A voſſos pés ajoelho,
Moço Illuſtre, amparo noſſo,
Que dentro em Real Conſelho,
Moſtrais com annos de moço,
Maduro ſaber de velho:

Miniſtro prudente, e inteiro,
Que no Tribunal entrando,
Por dar o paſſo primeiro,
Vos ides já coſtumando
A ſer de Reis Conſelheiro:

Amparar os deſditozos,
Dar aos cahidos a mão,
Pôr nelles olhos piedozos,
He antiga obrigação
Dos Grandes, e Poderozos:

Em douto Livro aprendi,
Que o Grande ao Pequeno erguia;
Não naſce homem para ſi;
Tão ſanta Filozofia
No Sá de Miranda a li:

Pois que corre em voſſo peito
Sangue, que de Reis correo,
Para fazer bem ſois feito;
Voſſa grandeza me deo
Sobre vós eſte direito:

Fazer com que hum triſte poſſa
Por vós mais feliz viver;
Ter dó da deſgraça noſſa,
He o ſublime prazer
D'almas grandes, como a voſſa:

Em vós meſmo aprender vim
Principios deſta doutrina;
Para a levardes ao fim,
Achareis materia dina,
Illuſtre Senhor, em mim:

Não achais hum malfeitor,
Que fuja ao juſto caſtigo;
Não infame matador,
Que em peito do bom amigo
Cravaſſe punhal traidor:

Achais ſim hum deſgraçado,
Que ſeus males vos deſcobre;
E em quem ajuntou ſeu fado
Aos incommodos de pobre
As obrigações de honrado:

Irmans com tenras crianças,
Chorando pranto innocente,
Que enxugão co' as ſoltas tranças,
Põem em mim inutilmente
Os olhos, e as eſperanças:

Orfans de Mãi, e Donzellas,
Chorão-me outras de redor;
Em vão me condoo dellas;
O ſeu triſte bemfeitor
He outro infeliz como ellas:

Meus injuſtos, negros Fados,
Dias funeſtos me urdião,
Tão triſtes, tão deſgraçados,
Que das Parcas, que os tecião,
Oxalá foſſem cortados!

Mas o deſtino avarento
Não poderá derribar-me,
Nem cumprir ſeu duro intento,
Se em vós não puder tirar-me
A piedade, e o acolhimento:

E ſenão for importuna
A petição que eſcutais,
Servi-lhe vós de columna;
O partido não ſigais,
Que tem ſeguido a Fortuna:

Pro-

Prometteo-me prompto abrigo,
Levantou-me o penſamento,
Forão promeſſas de imigo;
Erão fundadas no vento,
O vento as levou comſigo:

Tenho a voſſo Pai contado
Quanto vivo contrafeito;
Não tenho ſido eſcutado;
Mas ſer-lhe-ha meu rogo acceito,
Se lhe for por vós levado:

Dizei-lhe, Senhor, quaes são
Minhas forças, ſe as achais;
Mas comece a informação
Por lhe dizer, que me honrais
Com a voſſa protecção:

Eu nada certo lhe peço,
São vagas minhas eſp'ranças;
Quanto elle póde, conheço,
E livre-me de crianças,
Se compaixão lhe mereço:

Se ante os Reis, ſeu voto dando,
São ſuas razões acceitas,
Meu nome lhe ide lembrando,
Ou para coizas já feitas,
Ou para as que for creando:

Pedi-lhe pois que tolere
Meu rogo triſte, e teimozo;
Que eſtou n'hum lugar, pondere,
Meſquinho, ainda que honrozo,
E onde nada ha que eſpere:

Embebido em eſperanças,
Fraco Piloto põe peito
A's ondas bravas, ou manſas;
E em campo ſem parapeito
Eſpera o Soldado as lanças:

Não dezejar, he baixeza;
Sempre o humano coração
Quer ſubir a mór alteza;
Eſta univerſal paixão
He filha da natureza:

Se eu viſſe no fiel eſpelho
Já meu cabello nevado;
Se foſſe Clerigo velho,
Que enxuga, á porta ſentado,
O lenço ſobre o joelho:

Teimozo Grammaticão,
Que em longo xambre embrulhado,
Co' a douta penna na mão,
Dá á luz groſſo Tratado
Sobre as leis da *Conjunção*:

Que arranca o cabello hirſuto,
Laſtimando a decadencia
Do novo mundo corrupto,
Que quer negar a exiſtencia
Ao Ablativo Abſoluto:

Se eu carregaſſe a memoria
Deſtas, e outras ninherias,
De que eſtes taes fazem gloria,
Vivêra em paz os meus dias
Prezo a huma Palmatoria:

Outros meus eſpritos são;
E ſe de forças ſou falto,
Não o ſou de coração;
Erguerei vôo mais alto
Se vós me derdes a mão:

Senhor, eu tenho acabado;
Já da mão a penna cahe;
Feliz ſe o meu Verſo ouzado
For de voſſo Illuſtre Pai
Benignamente eſcutado:

Vós ambos não me eſtranheis
De meu Verſo a rima fria;
Por baixa não a engeiteis,
Que neſta meſma Poezia
Se tem eſcrevido a Reis:

Não tenho ſido o primeiro,
Que a Grandes taes Verſos manda;
Nelles com juizo inteiro
Eſcreveo Sá de Miranda
Ao bom Rei Dom João Terceiro:

Não o imito na belleza;
De que elle os ſoube adornar;
Falta-me arte, e natureza;
Mas pude delle imitar
A verdade, e a ſingeleza.

O BILHAR.

SATYRA.

POr fugir da cruel melancolia,
Que a eſtragada cabeça me atropella,
Largando o pobre leito, em que jazia,
Fui ſentar-me n'hum canto da janella;
Dalli pela miuda gelozia,
Eſpreitando, qual tímida Donzella,
De tudo quanto vi te darei parte,
Se a tanto me ajudar engenho, e arte.

Mora defronte roto Guriteiro,
Com jogo de Bilhar, e Carambola;
Onde ao Domingo o lépido Caixeiro
Co' a loja do Patrão vai dando á ſola;
Gira no lizo, verde taboleiro,
De Indiano marfim laſcada bola,
Erguendo aos ares perigozos ſaltos,
Chamão-lhe os Meſtres d'arte *Truques Altos.*

Alli ſe ajunta bando de Caſquilhos,
A que o vulgo mordaz chama rafados;
Alto topéte, prenhe de polvilhos,
Que deſcalço Gallego deo fiados;
De quebrados Tafues, vadíos filhos,
Pelas vaſtas tablilhas encoſtados,
Altercão mil queſtões; promptos contendem,
Promptos decidem no que nada entendem.

Hum quer ver, enfronhado em picaria,
Silvada teſta no Andaluz Ginete;
Outro prova no chão a ponta fria
De luzidío, virginal florete;
Mais amante da paz, outro elogia
Do bom *Dupré* o airozo minuete;
E poſto em pé, para imitar-lhe os paſſos,
Altêa o peito, e vai torcendo os braços.

Aventuras de amor outro contando,
Moſtra os Eſcritos de Nerina bella,
Onde a mão adoravel foi lançando
Com penna de perum letra amarella;
Vai com trabalho o triſte ſoletrando
As tortas regras, que boçal Donzella,
De empreſtadas finezas carregára,
Que piedoza vizinha lhe dictára.

Então, diz, que finiſſima madeixa
Lhe ondêa ſobre o hombro torneado;
Alli ſuſpira o triſte, alli ſe queixa
De ir já ſendo por ella deſprezado;
Conta, chorando, que eſta ingrata o deixa
Por esbelto Cadete, que rafado,
Por mais que ao Uzurario os Soldos peça,
A bolſa ſempre tem como a cabeça.

Alçando mais os olhos, vi defronte
Malhando a fio rígido Banqueiro;
Que tendo já de marcas alto monte,
Hia deſpindo o mízero Parceiro;
Em quanto hum diz q̃ lavre, outro q̃ conte,
Sem valerem os oculos do Olheiro,
N'huma paz já vencida, hum ponto affoito,
Subtilmente lhe encaixa duas de oito.

O perito Banqueiro affronta os medos,
Tendo nas máos em que ſe vá vingando;
Com cuſpo milagrozo ungindo os dedos,
Vai deſtramente as cartas recuando;
De ſciencia infernal, ſubtis ſegredos,
Com mão ligeira prompto executando,
Marcando cartas, inventando nicas,
Fazia, em vez de banca, peloticas.

Mas

Mas não ſe livra de ſubtil calote,
Que hum Velho manſamente lhe tecia;
Julgando-o todos mízero pixote,
Parolins de campanha impune erguia;
Embuçado em diáfano capote,
Por hum buraco os ganhos recebia;
Fora no *Cabra* das melhores pernas,
Hoje joga os *Tres Sete*s nas tavernas.

Os rôxos olhos para o ar alçados,
Encoſtado na quina de hum bofête,
Penſativo Taful mordia huns dados,
Que ſeis vezes tirárão quatro a ſete;
Com ſuſpeitas de que erão carregados,
Em duro almofariz o triſte os mette;
E a golpes de martello aberto o centro,
Por fóra são marfim, chumbo por dentro.

Mais ao longe, com pállida vizeira,
Sujo Poeta eſtá vociferando;
Da nojoza, empeçada cabelleira,
Várias pontas de palha vem brotando;
Os papeis, que lhe pêjão a algibeira,
Vão pelo forro larga porta achando;
Faz da véſtia camiza; e he collarinho
Torcido ſolitario peſcocinho.

Fo-

Fora cem vezes em nocturno Oiteiro
Da ſábia Padaria apadrinhado;
E diz-ſe que glozava por dinheiro;
Mas creio que atéqui não tem cobrado:
Seguindo em moço o officio de Barbeiro,
E das filhas de Jove namorado,
Abrio ao Mundo aſperrima batalha,
Tanto co' a penna, como co' a navalha.

Fallou, por affectar Muza campeſtre,
Em ſurrão, e cajado muitas vezes;
Era hum flagello eſte tyranno Meſtre
Dos ouvidos, e faces dos freguezes;
Todos os Verſos lêo da Eſtatua Equeſtre,
E todos os famozos Entremezes,
Que no Arſenal ao vago caminhante
Se vendem a cavallo n'hum barbante.

De canſada, rançoza poezia
Groſſo volume na algibeira andava;
Em vendo gente, logo lá corria,
E o fatal cartapacio lhe empurrava;
Acróſticos Sonetos repetia,
Que ſó elle entendia, e ſó louvava;
Punha em proza tambem muita parola,
E acabava por fim pedindo eſmola.

Eſ-

Eſte ouvindo da turba as prozas frias,
E accezo do Parnazo em ſanto zelo,
Alçando a voz, cantou doces poezias,
Que invejou de Latona o filho bello;
Jurando que as fizera em poucos dias,
Prometteo que as havia dar ao prélo;
Mas da roda hum dos menos depravados,
Em deſconto as ouvio dos ſeus peccados.

Debalde, diz, o povo vil, perverſo
Sobre mim deſcarrega tiros rudos;
Que eu não ſó ſou Poeta deſde o berço,
Mas tambem tenho ſolidos eſtudos;
Sei que ſyllabas leva cada verſo,
E não miſturo graves com agudos;
Rompi Oiteiros em Sant'Anna, e Chelas,
Chamei Sol á Prelada, ás mais, Eſtrellas.

Co' as ſonoras palavras *Pindo*, e *Pletro*,
Ponho em meus Verſos locução divina;
E ſei, para cumprir as leis do metro,
Quanto a hiſtoria das fabulas me enſina;
Sei que dos Ceos tem Jupiter o ſceptro,
Que nos Infernos reina Prozerpina;
A' madrugada ſempre chamo Aurora,
Sempre chamo a hum jaſmim Mimo de Flora.

Sei

Sei de certo em que tempo vio o Mundo
Filhos da Terra os quatro irmãos Gigantes;
Sei finalmente conhecer a fundo
O que são conſoantes, ou toantes;
Sei tudo, e unicamente me confundo
C'uns taes Verſinhos, que eu não via d'antes;
Aos novos Urſos todo o povo acode,
O eſtilo he ſybillino, o nome he Ode.

Fazellas eu, não poſſo, nem dezejo,
Porém ſei conhecellas facilmente:
Co' as verdes mãos o ſerpeado Téjo
Alça o trilingue, mádido Tridente;
Mas que Gorgona filtra? eu vejo, eu vejo:
Em dizendo iſto, he Ode certamente;
He filha d'arte a eſcuridade dellas,
He hum preceito das *deſordens bellas.*

As taes poezias, que a entender não chego,
Podres palavras tem deſenterrado;
Se levão nó, he tão occulto, e cégo,
Que quem quer dezatallo, vai logrado;
Dizem que imitão niſto hum certo Grego,
Gloria de Thebas, Pindaro chamado;
Se iſto he aſſim, a ſua lingua de oiro
Seria Grega, mas fallava Moiro.

Qua-

Quatro rapazes eſtendendo o panno,
Deixão as gentes ao redor abſortas;
Fallando em Venuzino, e Mantuano,
As Muzas Portuguezas põe por portas;
Aprendendo Francez, e Italiano,
E humas taes Linguas, a que chamão mortas,
Trazem com ellas perigozas modas;
Mas ainda bem que eu as ignoro tódas.

Diz hum Sabio que o Seculo prezente
Hia emendando os erros do paſſado;
Mas que das Odes a infeliz torrente
Tinha a lingua outra vez eſtropeado;
Que amontoão com mão impertinente,
Quantas palavras velhas tem achado;
Que ſe envergonhão das que uzamos todos,
E vão buſcallas muito além dos Godos.

Como a caruncho, e podridão condemna
A lição affectada dos Antigos,
Não leio Barros, Souza, nem Lucena,
Porque ſempre foi bom fugir dos p'rigos;
Ou ſempre eſcreveo mal a ſua penna,
Ou nunca os lêrão bem os taes amigos;
E por cautela, arreda, bolorentos
Ginjas fataes, do tempo de Quinhentos.

Não

Não podem crer os Genios Luzitanos,
Que as modas, como as vidas, são pequenas;
Que já murchou esse Estro dos Romanos,
E influem sobre nós outras Camenas;
Que o Tempo tragador, volvendo os annos,
Fez cahir Roma, fez cahir Athenas;
Que jaz no pó a Iliada envolvida,
E que alça a frente a *Fenis Renascida.*

Mais hia por diante o monstro horrendo
Co' Sermão, que ninguem lhe encommendára;
Mas inimiga mão lhe foi batendo
C'hum baralho de cartas pela cara;
Era hum ponto infeliz, que estando ardendo,
No innocente Poeta se vingára;
Que não sentio o vêr-se maltratado,
Mas ter a porcos pérolas lançado.

Eis que o dono da caza espavorido,
Em castigo da sordida cubiça,
Vem com as mãos na cabeça = estou perdido,
Tenho as cazas cercadas de Justiça:
Era Domingo, e hum ponto arrependido,
Sentio então o não ter ido á Missa;
Não valem rogos seus, nem do Banqueiro,
He mais brando hum Leão, q̃ hum Quadrilheiro.

Mas

Mas já faminto Alcaide carrancudo
Grita no meio da voraz procella =
Bota cordão, *Manteiga*, agarra tudo,
E ſentido não ſaltem da janella =
Forçozo Quadrilheiro, alto, e membrudo,
Aos deſgraçados põe de ſentinella;
Sôão algemas, lanção-ſe cordões,
Cortão-ſe atrás os cozes dos calções;

Então o triſte povo ſitiado
Faz das bolſas bandeiras de amizade;
Capitúla em dinheiro de contado,
Negocea-ſe a paz com brevidade;
Sentio-ſe o bom Esbirro laſtimado,
E aos infelizes deo a liberdade;
Pagou-lhe o Ceo tão ſanto beneficio,
Jaz no Enxovia, e tem perdido o Officio.

Eis-aqui, meu Alcino, tenho expoſto
A medicina, que me tem ſarado;
E como trazes o quebrado roſto
De lagrimas de dor ſempre inundado,
Vem vizitar-me hum dia, que eu apoſto,
Que para caza voltarás curado,
Nos coſtumes tambem; que aqui enfreias
As baldas proprias, rindo das alheias.

A GUERRA.

SATYRA.

Offerecida ao Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Viſconde de Villa Nova da Cerveira, depois Marquez de Ponte de Lima, no Anno de 1778.

ILL.MO E EXC.MO SENHOR

A Sátyra da Guerra, que ponho nas reſpeitaveis mãos de V. EXCELLENCIA, tem por objecto os coſtumes, ſem que a ſua crítica aponte, nem remotamente, indivíduo algum em particular; eſte he o ſeu unico merecimento, o qual me esforça a levantalla á grande honra de ſer offerecida a V. EXCELLENCIA.

Não me acovarda o nome de Sátyra, ſó odiozo ao Vulgo ignorante: V. EXCELLENCIA ſabe, que quando ella fere

nos

nos coſtumes , ſem aſſignalar os homens, he a eſpecie de Poezia , em que mais vezes ſe dão as mãos os ſeus dois fins , a utilidade , e o recreio.

A eſtimação de Horacio, e o deſterro de Juvenal, de miſtura com o meu genio, me enſinárão a fallar com moderação ; e ainda que talvez ſeja eſta a unica inſtrucção, que eu tire das ſuas Obras , com ella me atrevo a eſperar bom acolhimento a huma Sátyra , que ſe em V. EXCELLENCIA não agradar ao homem de bom ſaber , ao menos não eſcandalizará o homem de bons coſtumes.

V. EXCELLENCIA , que ſabe colhêr dos Livros mais fruto , que o do prazer , não ſe envergonhou de ler os Filozofos , que eſcrevêrão em verſo : a alta Filozofia de coſtumes , de que vão cheios os Livros da Antiguidade , nada perde nos olhos de V. EXCELLENCIA , quando vai ornada com as bellezas da Poezia.

As diverſas eſpecies deſta Arte são inteiramente conhecidas por V. EXCELLENCIA : eu tive algumas vezes a honra de ouvir fallar a V. EXCELLENCIA nas

Poezias dos Gregos, dos Romanos, e dos Francezes, fazendo entre ellas tão juſtos parallelos, e fallando tanto de dentro, que me pareceria impoſſivel que V. EXCELLENCIA achaſſe tempo para os outros Eſtudos mais importantes, com que eſclareceo o ſeu eſpirito, ſe eu não tiveſſe lido, que Cicero no meio do tumulto, e das tempeſtades de Roma, encarregado dos mais importantes negocios da Républica, achava tempo para ler, e diſputar ſobre os Poetas, e Filozofos da Grecia, e da ſua Patria.

Não me valho da experiencia, que tenho do quanto V. EXCELLENCIA he dado ao eſtudo das boas Artes, para lhe tecer com iſto hum elogio; tenho a honra de conhecer a V. EXCELLENCIA, e ſei que os ſeus louvores ſerião o unico modo de ſe lhe fazer odioza a verdade.

Valho-me deſta experiencia, Senhor, para deſculpa de ir canſar a V. EXCELLENCIA com a leitura dos meus Verſos. O nome de Poeta he deſprezado da maior parte dos homens; fazem conſiſtir a Poezia em número de ſyllabas, e na união dos con-

conſoantes, e provão com iſto a futilidade da Arte: he quaſi hum vicio o ſer Poeta; confundem-no com o homem ſem caracter, e imputão á Poezia os erros da humanidade; e por iſſo achei natural, que huma Arte deſprezada pela ignorancia, foſſe vingar os ſeus direitos aos pés de V. EXCELLENCIA.

Os meus Verſos terão o ſucceſſo de deſagradarem a V. EXCELLENCIA, por ſerem máos; mas por ſerem Verſos, he impoſſivel que ſejão leitura odioza a quem decorou, e analyza os Poetas de Auguſto, e de Luiz XIV.

Para Protector dos Verſos, que offereço, não procurei ſó em V. EXCELLENCIA o Homem de Letras, procurei tambem o Miniſtro de Eſtado. Vejo a Europa em armas; oiço o flagello da guerra ao redor dos confins da minha Patria; e pareceo-me que não deſaprovaria a Sátyra da Guerra aquelle Miniſtro habil, que debaixo das direcções dos ſeus Soberanos, intenta, e conſegue, manter huma paz profunda no meio dos fogos das Nações armadas.

E eu abençoarei eſte trabalho de meu curto engenho, ſe V. EXCELLENCIA ſe dignar de pôr benignamente os olhos ſobre elle, e ſobre o ſeu Author, o qual he

De V. EXCELLENCIA

O Criado mais humilde.

A GUERRA.

SATYRA.

MUza, pois cuidas que he ſal
O fel de Authores perverſos,
E o Mundo levas a mal,
Porque lêſte quatro Verſos
De Horacio, e de Juvenal:

Agora os verás queimar,
Já que em vão os fecho, e os ſumo;
E leve o voluvel ar,
De envolta co' turvo fumo,
O teu furor de rimar:

Se tu de ferir não ceſſas,
Que ſerve ſer bom o intento?
Mais carapuças não teças;
Que importa dallas ao vento,
Se podem achar cabeças?

Tendo as Sátyras por boas,
Do Parnazo nos dois cumes,
Em hora negra revoas;
Tu dás golpes nos coſtumes,
E cuidão que he nas peſſoas:

Deixa eſquipar Inglaterra
Com Náos de alteroza popa;
Deixa regar ſangue a terra;
Que te importa que na Europa
Haja paz, ou haja guerra?

Deixa que os bons, e a gentalha
Brigar ao *Cazaca* vão; *
E que em quanto a turba ralha,
Vá recebendo o balcão
Os deſpojos da batalha:

Que tens tu, que ornada hiſtoria
Diga que peitos ferinos,
Em ſanguinoza victoria,
Inhumanos, aſſaſſinos,
São do Mundo a honra, e a gloria?

As

* Loja de Café.

As guerras precizas são;
Nellas a paz ſe aſſegura;
Não mettas em tudo a mão;
Muza louca; por ventura
Encommendão-te o Sermão?

Deixa que o roto Taful,
A quem na Patria foi mal,
Vá cruzar de Norte a Sul;
Cubrão-lhe o corpo venal
Tres palmos de panno azul:

Deixa que em tarimba eſtreita
O deſperte a Aurora ingrata;
Q'o duro Cabo, que o eſpreita,
O faça, ao ſom da xibata,
Virar á eſquerda, e á direita:

Deixa-lhe em ſangue envolver
Duro pão, que lhe dá Marte;
E para poder viver,
Deixa-lhe aprender eſta arte
De matar, e de morrer:

Vá junto á queimada Zona
Arvorar, em rotos muros,
O Eſtendarte de Bellona;
Calejem-lhe os hombros duros
As correias da patrona:

Vôe-lhe aos ares hum pé;
Sobre o outro, com valor,
A Plutão cem mortos dê;
Arda de raiva, e furor,
Sem nunca ſaber porque:

Sem cauza entre dentes trazes
A grande arte das batalhas;
Murmuras dos ſeus ſequazes;
E quando da guerra ralhas,
Outra com a lingua fazes:

Dizes que huma guerra acceza
He theatro de impiedade;
Chamas-lhe crua fereza,
Flagello da humanidade,
Triſte horror da natureza:

Pintas hum bravo Guerreiro,
E a meus olhos vens moſtrallo,
Para ferir mais ligeiro,
Mettendo o ardente cavallo
Sobre o exangue companheiro:

A hum lado, e a outro lado
A morte mandando vai
Co' ſanguinozo traçado,
Até que elle meſmo cai,
De hum pelouro atraveſſado:

Co' as cabeças abatidas
Vão de ferro vil marcados,
Maldizendo as triſtes vidas,
Mil cativos manietados,
Vertendo ſangue as feridas:

Entre horrorozos troféos
O General deshumano
Manda falſo incenſo aos Ceos;
E de eſpalhar ſangue humano
Vai dando louvor a Deos:

Dizes que ſe compra Quina,
Porque altas febres deſterra;
E que em Collegios ſe enſina,
Em huma Aula, a Arte da guerra,
Em outra, a da Medicina:

Que no frio, vaſto Norte,
Cem *Boerhaves* eloquentes
Enchem de oiro o cofre forte,
Porque perdidos doentes
Arrancão das mãos da morte:

Que alli meſmo groſſo fruto
Colhe *Saxe* entre os Soldados,
Porque em minado reducto
Fez voar deſpedaçados
Dez mil homens n'hum minuto:

Tirando então conſequencias,
Zombar dos homens procuras,
E das ſuas vans ſciencias;
Sempre cheios de loucuras,
E cheios de incoherencias:

Se a paz, em dias felizes,
A' cara Patria os conduz,
Dizes que eſtes infelizes
Moſtrão, rindo, os peitos nús,
Cortados de cicatrizes:

Que eſte reconta aos parentes
Como em perigozo paſſo,
Zunindo balas ardentes,
Huma lhe quebrou hum braço,
Outra lhe levou os dentes:

Que outro, da perna cortada
Abençoa a horrivel chaga,
Porque ao peito pendurada
Trará algum dia, em paga,
Inutil fitta encarnada:

Dizes que entre os animais
Prohibe guerras o inſtincto;
E que ſurdo a triſtes ais,
Vês com horror o homem tinto
No ſangue dos ſeus iguais:

Muza, não diſcorres bem;
Pois ſe huns com os outros cabem,
E juntos a hum paſto vem,
He ſó porque inda não ſabem
A virtude que o oiro tem:

Por preciozos metaes
Não põe peito a bravos mares;
Traze exemplos mais iguaes;
Sabios homens não compares
Com os brutos animaes:

Trazem focinho no chão,
E nós ſempre ao alto olhamos;
Temos em dote a razão;
E por iſſo levantamos
Huns contra os outros a mão:

Se os homens ſe não mataſſem,
E impunemente creſceſſem,
Póde ſer que não achaſſem
Nem fontes de que bebeſſem,
Nem campos que ſemeaſſem:

Em vão febres inimigas
Os mirrados corpos gaſtão;
Tornão as forças antigas;
E eſtá viſto que não baſtão
Nem malinas, nem bexigas:

Travem-ſe cruas batalhas,
Arrazem batidos muros
Os Soldados de quem ralhas;
Adornem-lhe os membros duros
Groſſas, treſdobradas malhas:

Sabe que mil males faz
A molle tranquillidade;
E que em ſeu ſeio nos traz
Brando luxo, e ociozidade,
Damnozos filhos da paz:

Que nos cauza occultos damnos,
Fingindo roſto innocente;
Que a guerra de largos annos
Conſervou antigamente
A innocencia dos Romanos:

Que em quanto ao duro exercicio
Erão ſeus corpos affeitos,
E da paz não houve indicio,
Não lavrava nos ſeus peitos
Mortal peçonha do vicio:

Não havia mãos profanas,
Erão ſuas almas ſans;
E nas ſimplices cabanas
Fiavão groſſeiras lans
As caſtas Moças Romanas:

Fez Jano os Povos amigos,
Inerte ocio os peitos toma;
Cos' combates, cos' perigos
Forão-ſe, ó auſtera Roma,
Os teus coſtumes antigos:

Entre as Nações ſocegadas
Sabe que o ócio arreigado,
E as paixões em paz creadas,
Fazem mais ſangue no Eſtado,
Do que os gumes das eſpadas:

Deixa pois haver queixumes;
Mettão-ſe Armadas no fundo,
Accenda a guerra os ſeus lumes;
Que aſſim tornará ao Mundo
A innocencia dos coſtumes:

A intacta fé, a verdade
Venhão com as baterias;
Deſça do Ceo a Amizade;
E torne a doirar os dias
De Saturno a antiga idade:

Muza vã, que em ti não cabes,
Os guerreiros arraiais
Nem vituperes, nem gabes;
E não te mettas já mais
A fallar no que não ſabes:

Haja bloqueio, haja aſſédio;
O ſangue humano eſpalhado
Nem ſempre te cauze tédio;
Que em boa dóze tomado,
Té o veneno he remedio:

Deixa ir o Mundo ſeu paſſo;
E contra ſi meſmo armado
Córte c'hum braço o outro braço;
Põe na bocca hum cadeado,
Faze o que eu mil vezes faço:

Emprega melhor teu canto;
E pois queres que te louvem,
Mão das Sátyras levanto;
Poezias que os homens ouvem,
Hum com rizo, e cem com pranto:

De bons annos na função
Leva a Filis fria gloza;
Beija-lhe a nevada mão;
Chama-lhe Venus formoza,
Inda que ſeja hum dragão:

Eglogas tambem dão fama;
Falla em çurrão, e em curral;
E do vulgo os olhos chama
Nas paredes do Arſenal,
Cheia de applauzo, e de lama:

De Gallegos rodeada
Aos Ariſtarcos eſcapa;
Té que das Tendas chamada
Sejas protectora capa
De manteiga, e marmellada.

OS AMANTES.

SATYRA.

Offerecida ao Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Marquez de Angeja Dom Jozé de Noronha.

ILL.MO E EXC.MO SENHOR

OS dias triſtes, de que vejo ir cheia a melhor parte da minha vida, me influirão inſenſivelmente o amor da Poezia; em quanto ordeno as minhas trovas, fujo de mim, e eſquivo-me com ellas ao pezo dos meus cuidados: a imaginação canſada de objectos que a affligem, buſca, para diſtrahir-ſe, o commercio das Muzas; e os Verſos que alguma vez fizerão rir os ouvintes, tinhão a origem nas lagrimas do ſeu Author.

Hoje, Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor, motivo mais alto, qual he o dezejo de agradar a V. EXCELLENCIA, me

fez

fez emprehender a prezente Sátyra. Os meus Verſos achárão o ſeu Mecenas : V. EXCELLENCIA ſe digna de os louvar , e de os proteger ; e hum voto de tanto pezo, alvoroçando a minha Muza , a faz correr , talvez ſem tino , atrás de huma Protecção , que tanto a honra.

Repeti os Verſos antigos ; e a primeira vez que me apprezentaſſe a V. EXCELLENCIA , tinha de apparecer com as mãos vazias : intentei Poezia nova ; lembrou-me que hum Fidalgo moço , a quem a Filozofia temperára ſempre os fogos da mocidade , e que affaſtando do amor os crimes , faz delle mais huma virtude , gozaria melhor do ſeu triunfo , pondo-lhe aos olhos huma pintura fiel do amor mal entendido.

Como o meu intento era divertir a V. EXCELLENCIA , ajuntei o prazer á Filozofia da Obra , e tracei huma Sátyra : eſte nome aſſuſta o Vulgo ignorante ; confunde as Sátyras com os libellos infamatorios ; as que ha deſta natureza , são hum crime do Poeta , que quer emendar erros , fazendo mais hum ; das melhores coizas ſe

pó-

póde uzar mal: a eſpada nas mãos do aſſaſſino, he o eſcandalo da humanidade; nas mãos do Soldado fiel, he a guarda do Throno, e das Leis: V. EXCELLENCIA ſabe que a ſevera Athenas prohibindo a Sátyra da Comedia antiga, e média, levantou Theatros para a nova, porque expunha á irrizão do povo os vicios, ſem apontar os homens. O rizo não implica com a doutrina: Platão, e Horacio caminhárão por eſtradas diverſas; mas ambos forão Filozofos, ambos inſtruírão os homens; imitando-os na tenção, me animei a ordenar, e a offerecer a V. EXCELLENCIA huma Sátyra, que ſe excitar rizo em huns, não o tira das lagrimas de outros; e V. EXCELLENCIA conſinta que a minha Muza humilde ponha eſte tributo de agradecimento nas mãos bemfeitoras do Protector que a honra: iſto pede, Senhor,

De V. EXCELLENCIA

O Criado....

OS AMANTES.

SATYRA.

AMor, he falſo o que dizes;
Teu bom roſto he contrafeito;
Tenta novos infelizes;
Que eu inda trago no peito
Mui freſcas as cicatrizes:

O teu mel, he mel azedo;
Não creio em teu gazalhado,
Moſtras-me em vão roſto ledo;
Já eſtou muito eſcaldado,
Já d'aguas frias hei medo:

Teus premios são pranto, e dor;
Chóro os mal gaſtados annos,
Em que ſervi tal Senhor;
Mas tirei dos teus enganos
O ſahir bom Prégador:

Fartei-te aſsás a vontade;
Em vãos ſuſpiros, e em queixas
Me levaſte a mocidade;
E nem ao menos me deixas
Os reſtos da curta idade?

Ès como os cães esfaimados,
Que comendo os troncos quentes,
Por deſtro Negro esfolados,
Lévão nos ávidos dentes
Os oſſos enſanguentados?

Bem vejo aljava doirada
Os hombros nús adornar-te;
Amigo, muda de eſtrada;
Põe a mira em outra parte,
Que daqui não tiras nada:

Buſca algum fofo Morgado,
Que ſolto já dos Tutores,
Ao Domingo penteado,
Vai dizendo á toa amores
Pelas pias encoſtado:

Que em ſizuda caza honrada,
De papeis nunca avarento,
Dá com mão refalſeada
Eſcritos de Cazamento,
Ora á Filha, ora á Criada:

Genealogico comprado
Lhe concede, a pezo d'oiro,
Em Caſtello imaginado,
Cabeça de fuſco Moiro,
Sobre Eſcudo golpeado:

Arvores de geração
Em pergaminho enrolado,
Provas innegaveis são;
He hum ramo deſgraçado
De antigos Reis de Aragão:

Dando ao moxila o lazão,
De Filis a eſcada embóca,
Sempre em ar de protecção;
Alvo palito na bôca,
Branda varinha na mão:

Zom-

Zomba dos falſos Brazões,
Que não são no berço achados;
E diz á Moça as razões
De ter no Teliz bordados
Dois Cães, e quinze Leões;

As hiſtorias lhe declara
Daquellas guerras felizes;
E moſtra, com mão avara,
Os oſſos de dez narizes,
Que ſeu quinto Avô cortára:

Aturde a Moça boçal
Com cem Quintas, cem Commendas;
E armando hum mappa geral
Das ſuas immenſas rendas,
Vai-ſe ſem lhe dar real:

Mas ſe a teus farpões doirados
Não achas digno conſumo,
E os julgas mal empregados
Neſtas cabeças de fumo,
Neſtes peitos altanados;

Buſca algum novel basbaque,
Que por pobre não ſahia,
Mas já mette o bairro a ſaque,
Depois que engenhoza Tia
Lhe armou de huma ſaia hum fraque:

Que gravezinho namora
Com brando, e rizonho aſpeito;
Ponta de lenço de fóra;
Mólho de flores no peito,
Prenda de certa Senhora:

Que hum trapo a ſeu geito ordena,
Temendo o pó das calçadas;
E antes de entrar na Novena,
Com cuſpo, pelas eſçadas,
Vai dando aos çapatos crena:

De gêlo as pedras cubertas,
Como ás vezes me fizeſte,
Alta noite, e a horas certas,
Quando o rígido Nordeſte
Deixou as ruas dezertas;

Oiça duros aſſobios,
Precurſores de alto inſulto;
Retalhem-no ventos frios;
Ladrem ao poſtado vulto
Cem nocturnos cães vadíos:

De Paizanos ſalteado,
Ronda ſem fé, e ſem lei,
De eſpadas velhas cercado,
E ao ſom da parte de ElRei,
Por força deſembuçado:

Membrudo Cabo vermelho
O apalpe ante os mais Senhores;
Acha huma eſcova, e hum eſpelho,
Dezoito eſcritos de amores,
E hum çujo lencinho velho:

Firão teus accezos raios
Tambem na gentalha vil,
De creſtados peitos baios,
Que começando em barril,
Vão por augmento a lacaios:

Buſca algum que da coxeira,
Quando o Patrão não ſahe fóra,
Com os olhos na trapeira,
Limpando a ſege, namora
Deſgrenhada Cozinheira:

Que de noite á ſua porta,
Com famozos tangedores.
Que o *Talaveiras* * conforta,
Lhe manda ternos amores
Sobre as azas da Comporta:

A quem a ſuja Donzella,
Por almoço do coſtume,
Manda em ſordida tigella
O primitivo xorume
Da desflorada panella.

E ſe te não ſatisfazes
Com tanta conquiſta brava,
Que neſta canalha fazes,
E ainda a funeſta aljava
Pejada de ſettas trazes;

Não

* Caza de Povo.

Não tens velhas prezumidas,
Que em fim de mez fingem dores,
Só ás moças concedidas,
E tem de compradas côres
As rôxas faces tingidas?

Cuja bôca peſtilente,
Ante hum eſpelho enſaiada,
Torcendo-ſe deſtramente,
Aprende a abrir a rizada
Por onde inda reſta hum dente?

Que ha ſeſſenta annos donzellas,
(Cazo raras vezes viſto)
Tem titulos de Capellas,
Com hum Habito de Chriſto
Para quem cazar com ellas?

Buſca alguma de bom caco,
Que pela fenda da ſaia,
Marinhando o braço fraco,
Fiſga o lenço de cambraia,
Affaſtando o de tabaco:

Que em feſtival ſociedade
Até o rapé reprova,
Chamando-lhe porquidade;
E vai fartar-ſe na alcova
De Sumonte, e de Cidade:

Amor, faze eſtas em poſtas;
Vai-lhe das lagrimas rindo,
Já que de lagrimas goſtas;
E não andes perſeguindo
A quem te virou as coſtas:

Porém ſe da plebe eſcura
Em pouco o triunfo prezas,
E queres fina ternura,
Extremos, delicadezas,
Os Freiraticos procura:

Gentes de mais alta eſteira;
Ternos, finos corações,
Que em fechada papeleira
Vão guardando em batalhões
As cartas da ſua Freira:

Em chegando a Conductora,
Que os ſacrilegios atea,
Hum deſtes de goſto chora;
Lambe com reſpeito a obrea,
Por ter cuſpo da Senhora:

Poſto na inſipida grade,
Em almiſcar perfumado,
Todo amor, todo ſaudade,
Comendo, em doce babado,
Os ſobejos de algum Frade:

Ao ſublime eſtilo guinda
Sua diſerição notoria;
A que logo a Freira linda,
Revolvendo na memoria
Os dois Livros de Florinda,

Reſponde: *Os conceitos ſigão*
Os holocauſtos do altar;
Pois são, e as chammas o digão,
Pedir, quem póde mandar,
Preceitos que mais obrigão:

Entretanto hum Chantre velho,
A quem a Rodeira engoda,
E que em fechando o Evangelho,
Vai metter dentro da roda
O ſeu cachaço vermelho:

Freiratico por fadario,
Tão golozo, como amante,
Condecinhas pelo armario,
E ſobre a dezerta eſtante
Manjar branco, e o Breviario:

Que em podre Filozofia,
Sectario da antiga Lei,
Os *Univerſaes* ſabia;
E armado do *A Parte Rei*,
Tudo a eito diſtinguia:

Arranca oleozo eſcarro;
Diz á Rodeira hum conceito
Daquelles, que já tem ſarro;
Mette os oculos no peito,
Throno de amor, e catarro:

Pois já que eſtes peitos vão
Franca entrada offerecer-te,
Amor, carrega-lhe a mão;
Aprendão a conhecer-te,
Mas paguem caro a lição:

Mette n'hum carcere a Dama;
Do bom Chantre os calcanhares
Vão curtir gotta na cama;
E o Secular cruze os mares,
Que foi deſcubrir o Gama;

E ſe queres empregar
As tuas ſettas de prova,
Quando alva Lua raiar,
Vai ſobre a Ribeira Nova
As azas equilibrar:

Brancos veſtidos tomados,
Deſcubrindo as ſaias altas;
Entre as nuvens os toucados;
E com esbeltos Paraltas
Os braços entrelaçados:

Verás ſer acceito logo
Teu rizo enganozo, e brando;
Não eſperão por teu rogo;
E em tu do alto aſſoprando,
Verás chammejar o fogo:

Que alvos dedos delicados
A furto ſe vão beijando,
Em quanto os Pais deſcuidados
A loja nova admirando
Parárão embasbacados!

Verás ſizudo Eſtrangeiro
Contando groſſos toſtões
Ao refinado bréjeiro,
Correio de corações,
Que ſe comprão por dinheiro:

Verás Moça rebocada,
Na cabeça lenço çujo,
Rota capa ſobraçada,
Recebendo do Marujo
Hum cópo de limonada;

E em quanto eſcuto os gemidos,
Que arrancas de tantos ſeios,
Deixa que em montes erguidos
Veja os naufragios alheios,
Enxugando os meus veſtidos:

Se até nos teus eſtimados
Ervadas ſettas ſe embebem;
Se do teu rizo enganados
Com bôcas ſedentas bebem
Veneno em vazos doirados:

Vão pé, antepé guiados
Por peitada Cozinheira;
Mas vendo os Pais levantados,
Dentro de enrolada eſteira
Ficão n'hum canto emboſcados:

Quando alta noite ſuſurra
Rijo, ſybillante vento,
Que as groſſas portas empurra;
E acorda o Velho avarento
Com os cuidados na burra:

Salta da cama ligeiro,
Corre portas, e janellas,
Regiſtando o quarto inteiro,
Em celoiras, e chinellas,
Com piſtola, e candieiro:

Que tremor de coração,
Que ſemblantes enfiados
Os Amantes não terão?
Que cos' cólos levantados
Ouvindo o rumor eſtão?

Da janella debruçada
Deſenvolve degráos falſos
Pállida Dama aſſuſtada;
Os mimozos pés deſcalços,
A madeixa ao vento dada:

Pois ſe eſtes teus eſcolhidos,
Por cabedaes, por figura,
Das Nizes favorecidos,
Maldizem ſua ventura,
E deſcem arrependidos;

Como hei de eu crêr-te, que apenas
Vi de longe tranças de oiro?
Debalde outro engano ordenas
A quem de teu vão thezoiro
Nunca teve mais que penas:

De teu rol meu nome riſca;
Em peito inda não cortado
Cevados anzoes arriſca;
Mas com peixe já ſangrado,
Não gaſtes a tua iſca:

De meu pranto rociadas
Penduro as fataes cadeias,
Ao ſom de meus ais forjadas;
Arranco das rotas veias
Cruas ſettas deſpontadas:

Sangue innocente eſparzírão;
Mais á idéa me não tragas
Huns olhos, que enxutos vírão
Eſtas deſgraçadas chagas,
Que em teu ſerviço ſe abrírão:

Dei-te os cuidados, e os dias;
De tudo já foſte dono,
Reſtão ſó melancolias;
Que gloria te dá hum throno
Poſto ſobre cinzas frias?

Teus golpes de mim que eſperão?
Dá folgo aos eſcravos mancos,
Que em teu carro entorpecêrão;
Deixa em paz cabellos brancos,
Que entre os teus ferros naſcérão.

SATYRA

Offerecida ao Illuſtriſſimo, e Excellentiſſimo Senhor Dom Martinho de Almeida, no Anno de 1779.

A Vós, que favor me dais,
Illuſtre, e Sabio Martinho,
Que meu fraco engenho alçais,
E das letras o caminho
Dentro dellas me moſtrais:

Homem são, e ſem rezerva,
Que pondes ſangue de parte,
Que vãos reſpeitos conſerva;
Nutrido aos braços de Marte
Com o leite de Minerva:

Voſſo Servo hoje ſe atreve
A mandar em má poezia
Bons dezejos, que ter deve;
Que tenhais paz, e alegria,
Mais que o triſte, que iſto eſcreve:

Que

Que neſſas vaſtas campinas,
Que aſſombrão ermos oiteiros,
Vivais horas mais benignas;
Livre de duros Banqueiros,
Livre de ingratas Nerinas:

Em boa tarde mandai
Farpear bravo novilho;
Com o Conde paſſeai;
Ide adoçando co' Filho
Juſtas ſaudades do Pai:

Enſinai-lhe altas verdades,
Aos voſſos olhos patentes;
Moſtrai-lhe neſſas Herdades
Os prazeres innocentes,
Que fugírão das Cidades:

Que ame a pura ſingeleza,
De que os campos são figura;
Que não ſe fie em grandeza;
Que huma he obra da Ventura,
E a outra, da Natureza:

Mas voltando a nós a mão,
Vós Filozofo profundo,
Que converſais com Platão,
Vede ſe lhe achais hum Mundo,
Que nos encha o coração:

Que eſte em que eſtamos, Senhor,
Sempre ſurdo a sãos conſelhos,
Volve a roda a ſeu ſabor;
E dizem Pilotos velhos,
Que vai de mal a peior:

Quantas vezes nós fallamos
Sobre a ſua natureza?
Quantas mazellas lhe achamos?
Porém temos a fraqueza
De amar o que condemnamos:

O bom *Demócrito* ria
Do que a nós nos cauza dor;
Elle mui bem o entendia;
Vamos nós tambem, Senhor,
Fazer o que elle fazia:

Dos homens na vã loucura
Hum pouco meditaremos;
E com alquímia ſegura,
Do mal alheio faremos
Para o noſſo mal a cura:

Quando vierdes, então
Correremos a Cidade;
Huns que vem, outros que vão;
Acharemos á vontade
Onde mettamos a mão:

Veremos o vão Paralta
Calcando importuna lama,
Que as alvas meias lhe eſmalta,
Na eſteira de eſquiva Dama,
Que de pedra em pedra ſalta:

Aos Cafés iremos vêllo
No moſtrador encoſtado
Sobre o curvo cotovello,
Tendo á eſquerda ſobraçado
Gigante chapéo de pêllo:

Alli em regras de dança,
Com outros taes converſando,
Dirá, que deſde criança
Andou ſempre viajando,
Que vio Londres, que vio França;

Que gaſtou groſſos dinheiros;
Pois ver com ſocego quiz
Cidades, Reinos inteiros;
Jura que como em Pariz
Nunca achou Cabelleireiros:

Exalta os môlhos Francezes
Dos banquetes que lhe derão;
E balbuciará ás vezes,
Fingindo que lhe eſquecêrão
Muitos termos Portuguezes:

Chamará á Patria ingrata;
Murmurará do Governo,
Que do bom goſto não trata,
E conſente que de inverno
Haja fivellas de prata:

Em dois minutos emenda
O Mundo, que vai perdido;
E quer que com elle aprenda
Em que quadra, e em que veſtido
São proprios punhos de renda:

Carregando a ſobrancelha,
A fallar na hiſtoria falta;
E logo da França velha
Reconta o pobre Paralta
Coizas que peſcou de orelha:

Faz ao bom *Sulî* juſtiça,
Que os fios da eſpada embota
Ao Rei, que em furor ſe atiça;
E não lhe eſquece a anacdocta,
Que hum Reino vale huma Miſſa:

Falla em São Bartholomeu,
E quazi que as gottas conta
Do ſangue que então correo;
E ao certo as folhas aponta
Da hiſtoria que nunca leo:

Riremos do ſeu eſtudo;
Porque ſó o tem moſtrado
Em ter chapéo gadelhudo,
Em ter canhão cerceado,
E em pôr de mais hum canudo:

Iremos ouvir mil petas,
Quando mais o Sol ſe empina;
Vendo acerrimos jarretas,
Junto a Santa Catharina,
Argumentando em Gazetas:

Hum quer a cabeça dar,
Se o Conde de *Eſtaing* não fez
Trinta Náos deſarvorar;
Outro levanta em hum mez
O cêrco de Gibraltar:

Hum, riſcando a terra, enſina
Co' a vengala a Geografia;
E nos diz com quem confina
Ao Poente, e ao Meiodia
A Georgia, e a Carolina:

Outro aos Inglezes dezeja
Na Armada o fogo ateado;
E pinta em crua peleja
Dez Lords fugindo a nado
Sobre barris de cerveja:

Outro conta os graves damnos,
Que eſta Gazeta declara
Tiverão os Caſtelhanos;
E o triunfo Inglez compara
Cos' triunfos dos Romanos:

Ao ſeu partido ſe afferra;
Diz que inda cos' maſtos rotos
Ao Mundo farão a guerra;
Mas fica vencido em votos,
E leva a bréca Inglaterra:

Dão ao Leão furibundo
Gibraltar em juſta guerra;
E eſte Concilio profundo,
Sem ter hum palmo da terra,
Eſtá repartindo o Mundo:

Dado em fim o Inglez á ſola,
Qualquer dos ditos Confrades
Na rota capa ſe enrola;
E tendo dado Cidades,
Nos vem pedir huma eſmola:

Dalli, Senhor, voltaremos
Pelas Praças principaes;
Que bellas coizas veremos!
Que famozos Editaes
Pelas eſquinas leremos!

Chegou Monſieur de tal,
Quimico em Pariz formado;
Traz ſegredo eſpecial;
Hum Elixir approvado,
Hum remedio univerſal:

Não pertende ajuntar fundo
Cos' grandes ſegredos ſeus;
E cheio de dó profundo,
Tira pelo amor de Deos
Os dentes a todo o Mundo:

Iremos ler no outro lado,
Onde acazo os olhos puz:
Em quarto grande, e eſtampado
Sahio novamente á luz
Carlos Magno commentado:

Na meſma loja hão de achar:
As Obras de Caldeirão,
Que em bom preço ſe hão de dar;
E o Cavalheiro Chriſtão,
E as Regras de Partejar:

Deſtas ridicularias,
E de outras taes murmurando
Co' as noſſas Filozofias,
A tarde iremos gaſtando
Té que dem Ave Marias:

Então já quando em cardume
Sahe gente da Fundição,
Como ſabeis que he coſtume,
E já as vizinhas vão
Pedir ás vizinhas lume:

Quando a Dama requeſtada
Hum vulto na eſquina vê,
E diz á fiel Criada,
Que deſça pé, antepé,
E tome o eſcrito na eſcada:

Quando todo o Ginja rico
Para caza a prôa inclina,
Por temer facas de bico;
E cuida que a cada eſquina
Lhe lança mão o *Joanico*:

Então, meu Senhor, teremos
Função de mais alto preço;
A certa aſſembléa iremos
De huma gente que eu conheço,
Onde á vontade riremos:

Feita a geral cortezia,
Pé atrás, ſegundo a moda,
Daremos á Mãi, e á Tia,
E depois a toda a roda,
Alto, e malo, Senhoria:

A Mãi, já dragão formal,
Eſpelho de deſenganos,
E que, por ſeu grande mal,
Ha já mais de vinte annos,
Que guarda a fé conjugal:

Poſta de roda no centro,
Cruza a perna, meſtra abelha;
E de longe a ver-lhe eu entro
Çapatos de ſeda velha,
Bicos de pés para dentro:

A Tia ſéria mulher,
Que os longos veſtidos ſeus
Ao Carmo manda fazer;
E deſtas que dão a Deos
O que o Mundo já não quer:

Sente hum deſgoſto infinito,
Que o Mundo a deixe tão ſedo;
Affecta myſtico eſp'rito;
Porém ſuſpira em ſegredo
Pelas cebolas do Egypto:

L'Abbè, que encurta as batinas,
Por moſtrar bordadas mêas;
E prezidindo em Matinas,
Vai depois ás Aſſembléas
Cantar modas co' as meninas;

He quem lhe rouba attenções,
E lhe accende hum fogo interno;
Trata-o com mil expreſsões;
Diz-lhe quanto ha de mais terno
Nos ſeus Livros de Orações:

Riremos do tal dragão,
Que tantas figuras faz;
E ſabe, com habil mão,
Unir em profunda paz
Babylonia com Sião:

Pouco ás Filhas fallarei;
São feias, e mal criadas;
Mas ſempre conſeguirei,
Que cantem deſafinadas
De ſaudades morrerei:

Cantada a vulgar modinha,
Que he a dominante agora,
Sahe a Moça da cozinha,
E diante da Senhora
Vem deſdobrar a banquinha:

Na farpada meza, logo
Bandeja, e bule apparece;
Que mordais os beiços rogo;
Pois são traſtes, que parece
Que eſcapárão de algum fogo:

Em bule chamado Inglez,
Que já para pouco ſerve,
Duas folhas lança, ou tres
De canſado xá, que ferve,
Com eſta, a ſetima vez:

De fatias, nem o cheiro,
Por mais que ás vezes as quiz;
Que o carrancudo Tendeiro,
Canſado de gaſtar giz,
Já não dá pão ſem dinheiro:

Sahiremos de improvizo,
Deſpedidos á Franceza;
E iremos, pois he precizo,
Na voſſa eſplendida meza
Largar rédea á fome, e ao rizo:

De tudo nos lembraremos;
A famoza digreſsão
Ao bom Marquez contaremos,
E do vermelho Monção
Mil ſaûdes lhe faremos:

Mas, Senhor, agora vejo
Quanto o penſamento voa;
Eſtar comvoſco dezejo;
Não podendo co' a peſſoa,
Fui ao menos co' dezejo;

Correo com largueza a mão;
Eſcrevi mais do que devo;
Foi culpa do coração;
Quando vos fallo, ou eſcrevo,
As horas inſtantes são;

Quem me ſeja pouco affeito,
Vendo eſtas regras ſingelas,
Dirá com damnado peito,
Que eſcrever-vos bagatelas,
He faltar-vos ao reſpeito;

Mas vós ſois ſabio, e ſois juſto;
Sabeis a quem me encoſtei;
Boileau, que eſcreveo ſem ſuſto,
Fez o meſmo ao grande Rei,
Fez o meſmo Horacio a Auguſto.

A FUNÇÃO.

SATYRA.

MUza, baſta de rimar;
Já fazes esforços vãos;
Vai a Lyra pendurar;
Não ſabem trémulas mãos
Com as cordas acertar;

Já a velhice pezada
Te encheo de rugas a teſta;
Já co' a dura mão gelada
Te poz a marca funeſta
Na madeixa branqueada;

Teu Eſtro, falto de meios,
Já furta mais do que imita;
Vás dando airozos paſſeios,
E todo o Povo te grita,
Larga os veſtidos alheios;

Tua

Tua vaidade faz dó;
Cinges caſcos enrugados,
Cheios de caruncho, e pó,
Com velhos loiros furtados
Do ſepulchro de Boileau:

Lêſte por teu mal hum dia
Eſte Livro endiabrado;
Tal te poz a fantazia,
Que o corpo velho, e canſado
Inda te pede folia:

Depois que viſtoza Quinta
Te deo brilhante função,
Tu de diſcordias faminta,
Vens com damnada tenção
Pôr-me ao pé papel, e tinta:

Bem me lembra o ſitio ameno;
Quanto vi, tenho prezente;
Mas a ti he que eu condemno,
Que na acção mais innocente
Vás ſempre deitar veneno:

Com felpudos chapelinhos,
Que eſtofada pluma ornava,
Por apraziveis caminhos,
Formozo Eſquadrão montava
Ajaezados burrinhos:

Marcha a Tropa; Amor a guia;
Tu que a meſma eſtrada trilhas,
Moſtra-me em todo eſſe dia
Coizas, que não foſſem filhas
Da innocencia, e da alegria?

Dizes que pobres Donzellas
Vão os olhos enganando
Com poſtiças tranças bellas,
E chitas de contrabando,
Que ainda são das Adellas;

E que em quanto em taes deſmanchos
A Irmã; com titulos falſos,
Faz a gloria deſtes ranchos,
Corre o Irmão, cos' pés deſcalços,
Vendendo em Lisboa ganchos:

Dizes que hum, o qual eu callo,
Affentando que as Senhoras
Querem todas namorallo,
Cravando a furto as eſporas,
Mettia em obra o cavallo:

Que outro, falto de expreſsão,
Traficar de longe quiz;
E com o lenço na mão,
Pagava o pobre nariz
Os crimes do coração:

Mas quanto atéqui exprimes,
Por mais que as côres lhe mudes,
Por mais que a teu geito o rimes,
Creio que não são virtudes,
Porém tambem não são crimes:

No largo páteo apeados,
Que alva cal em torno pinta,
Dizes que de braços dados
Fomos paſſear na Quinta,
Huns dos outros ſeparados:

Faiſcando os olhos lumes,
Perdido o ſizo, e o conſelho,
Gritas em vivos queixumes:
Onde eſtão, Portugal Velho,
Onde eſtão os teus coſtumes?

Onde os bons tempos eſtão
Da ſimples Lisboa antiga?
Quando era grande função
Ir a Amiga ver a Amiga,
E merendarem no chão?

Quando a Filha ſem labéo
Hia cantar com trabalho,
E co' a innocencia do Ceo:
Senhor Franciſco Bandalho,
Fitta verde no chapéo?

Oh malditos os primeiros,
Que a Idade de Oiro inventárão!
Que banírão pegureiros;
E nos campos miſturárão
Os Lobos com os Cordeiros?

Qual, apertando alvos dedos,
Vai dizendo: *Ingrata, aprende*
Deſtes paſſarinhos ledos;
Amor ſua voz entende,
São de amor os ſeus ſegredos:

Qual co' a navalha affiada
Deſigual cortiça aplana
D'antiga arvore copada,
E entalha, em letra Romana,
O nome de ſua Amada;

Beija então as letras bellas;
E de Verſos curiozo,
Pondo brandos olhos nellas,
Pede ao tronco venturozo,
Que as vá erguendo ás Eſtrellas:

Dizes que por mais que eu prégue,
São baldados meus officios;
Que ninguem já mais conſegue
Marchar ſobre precipicios,
Sem que algum pé lhe eſcorregue:

Scntão-ſe entretanto os Pais;
Vem Gazeta, e Rei da Prúſſia,
Vem os Eſtados Gerais;
Marchão com as Tropas da Ruſſia
As Tropas Imperiais:

Hum conta da porta o eſtado;
Diz que das Pazes o Artigo
Vai mui pouco acautelado;
E tendo a Filha em perigo,
Ri do Turco deſcuidado:

Co' a pintada ſobrancelha
Vai ſózinha paſſeando
Boa Mãi, ſincera Velha;
Dos eſgalhos reſguardando,
Ora a pellicia, ora a telha;

Pondo contra a luz a mão,
E crendo que neſta rua
Eſtá São Sebaſtião,
De Venus á Eſtatua nua
Faz mizura, e oração;

Em tanto as Venus melhores,
Do que eſta, que a Arte fez;
Eſcutão ternos amores,
Que eſtão jurando a ſeus pés
Felizes adoradores:

Baſta, Muza, pare ahi
Eſſe montão inimigo
De mentiras, que te ouvi;
Tu ſempre andaſte comigo,
Mas eu nada diſſo vi;

Foi por meu braço levada
Huma das ditas Donzellas;
Feia, mas a eſtudos dada;
E ſobre doutas Novellas
De tenros annos creada;

Levantou ſábias queſtões,
Que ella meſma reſolveo;
Fez profundas reflexões;
E por fim me prometteo
Ler-me as ſuas Traducções;

Jurou que aprendeo Grammatica,
E que hoje os Livros não feicha
Da infallivel Mathematica;
E quer ver ſe o Pai a deixa
Ir na Máquina Aeroſtatica:

Só de nós podes fallar;
Dos mais, como has de ſaber,
Se vendo-os no boſque entrar,
Quando os tornámos a ver
Foi ás horas de jantar?

Dizes que he falſo eſte nome;
Que foi jantar de matula,
Onde ſó quem furta, come;
Juras que no Altar da Gula
Foſte Victima da Fome;

Mas da tua ſemrazão
Eu vi prova verdadeira;
De habil Velha a creſpa mão
Foi atacando a algibeira
Cos' ſobejos da Função;

Se Nize, que faz eſtudo
De affectar moral virtude,
Com ar auſtero, e ſizudo
Faz criminoza ſaude
Com os olhos no ſeu *Tudo*;

Se o Xisxisbeo ſeu vizinho
Lhe vai affagando os dedos
Do tenro, ſurdo pézinho,
E por ſaber-lhe os ſegredos
Lhe bebe o reſto do vinho;

Se máo Trinchante novato,
Moſtrando annel de brilhantes,
Mas errando a força, e o tacto,
Com rizo dos circunſtantes,
Trinchou o perum, e o prato;

Se gordo, Beirão Morgado,
A quem ſeus canliões affrontão,
E em par de meias bordado,
Traidores vincos nos contão
As vezes que as tem calçado;

Seguindo a Nerina o trilho,
Lhe eſtá dizendo que a adora;
Que de fartos Pais he filho,
E que venha ſer ſenhora
De vinte moios de milho:

Se eſte infeliz namorado
Bordou de arroz o veſtido;
Se duro garfo aguçado,
Na noviça mão mettido,
Lhe deixa hum beiço eſpetado;

Tudo iſto são méros nadas,
E toda a indulgencia pedem
Mezas em barulho armadas;
Peiores coizas ſuccedem
Nas que julgas delicadas:

Eu já vi boçal Criada,
Que o fatal ſegredo eſpalha,
De eſtar hum moço na eſcada,
Que vem buſcar a toalha,
Se eſtá já deſoccupada:

Deixa pois tenção roim;
Foi hum ſoffrivel jantar;
E depois que elle deo fim,
Foi máo ver contradançar
Toda a tarde no jardim?

Déſtros Pares perfilados,
Que o brilhante enredo tecem,
Derão promptos, e acertados,
Hum prazer, que ſó conhecem
Os corações delicados:

Venus meſma não fizera
Jogos mais encantadores,
Quando dizem que deſcêra
Entre as Graças, e os Amores
Sobre os Jardins de Cithéra;

E que mal te fez então,
No furor das contradanças,
Ver Parceiro cortezão
Ir levar á Dama as tranças,
Que lhe cahírão no chão?

Das tres Velhas que dançárão,
Se huma gritou de repente,
Foi porque os pés a entregárão,
Quando desgraçadamente
Os dois callos se encontrárão;

E se acazo em ti não ha
Gosto por tal passatempo,
Enfreia essa lingua má;
São modas, que vem co' tempo,
O tempo as acabará:

Não são os gostos eternos;
Teve o Passapié amigos,
Ainda não ha quinze Invernos;
Foi a gloria dos Antigos,
Hoje he mófa dos Modernos:

Debalde em ralhar te canças;
Deixa ao tempo os seus caminhos;
Ir-se-hão poupas, ir-se-hão tranças,
Istericos, Jozézinhos,
Feitiços, e contradanças:

Em bandolim marchetado,
Os ligeiros dedos prontos,
Loiro Paralta adamado,
Foi depois tocar por pontos
O doce *Londum chorado*:

Se Marcia ſe bamboleia
Neſte innocente exercicio,
Se os quadriz ſaracoteia,
Quem ſabe ſe traz cilicio,
E por virtude os meneia?

Não ſentencees de eſtallo;
Tem as danças fim decente;
Ama o Pai, mas por deixallo,
Dança a Donzella innocente
Diante de São Gonçallo:

Cobrando o pardo dinheiro,
De que o Povo he tributario,
Velho Preto prazenteiro,
Para gloria do Rozario,
Remeche o corpo, e o pandeiro:

Em ſolemne Prociſsão
Une a Frialeira caſta
O Fandango, e a devoção;
Mas em fim de exemplos baſta,
E tornemos á queſtão:

Já d'entre as verdes murteiras,
Em ſuaviſſimos aſſentos,
Com ſegundas, e primeiras,
Sobem nas azas dos ventos
As Modinhas Brazileiras;

E que mal te fez na porta,
Pai, que ronda de quadrilha,
Cabelleira loira, e torta,
Dizer que peção á filha
Hum bocado de *Comporta*? *

Com que graça vem trazidas,
Fingindo-ſe envergonhadas,
Tenras faces incendidas,
Por déſtros galgos achadas
No jogo das eſcondidas?

Mu-

* Moda, que canta a gente da Plebe.

Muza, abre os olhos eſcaſſos,
Não te enganes co' a appparencia;
Senão torceſſes os paſſos,
Acharias a innocencia
Té no jogo dos abraços:

Marilia as linhas eſpalha;
E a candida mão ſem luva
Tão deſtramente as baralha,
Que ſempre ſahio viuva
Santa Velha, que não ralha:

Tira a eſte brinco o véo,
Util fim verás mil vezes;
Dalli ſahe o Xisxisbeo;
Dalli ſe levão as rezes
Aos Altares de Hymeneo;

E ſe co' a lingua damnada
Sem motivo envenenaſte
A tarde tão bem paſſada,
Com menos cauza gritaſte
A' noite na retirada:

Se a pé, dando o Jozézinho,
Eſcoltou Alcino ledo
A Marcia todo o caminho,
Foi porque ella tinha medo
Que lhe cahiſſe o burrinho:

Todas contentes chegárão;
Nenhuma chegou moîda;
E depois que ſe apeárão,
Alli meſmo, á deſpedida,
Outra Função ajuſtárão:

Vês, Muza, como atropellas
A innocencia das Funções?
Confeſſa que em todas ellas
O mal não vem das acções,
Vem de quem julga mal dellas:

Segue outra Filozofia;
Nem ſempre ſeriedade,
Como nem ſempre folia;
Na diſcreta variedade
Eſtá do Mundo a harmonia:

Bravo Inglez ſanguinolento,
Depois de deixar votado,
Que ſe affronte o mar, e o vento,
Cuidas que fica fechado
Nas ſalas do Parlamento?

Se pela Patria ſe canſa,
Tambem prazeres dezeja;
De manhã aſſuſta a França;
Arrota á noite cerveja,
Canta mal, e contradança:

Trata pois de te emendar,
E deixa vidas alheias;
Que o Povo eſtá a zombar
Em quanto te inchão as veias
Com a força de prégar:

Thomás dos Pós fez Miſsões;*
Ajuntou gente infinita;
Mas inda em negros vergões
Traz nos artelhos eſcrita
A paga dos ſeus Sermões:

To-

* Donato, que por prégar, foi para as Galés.

Toma em fim a lição minha;
Mas ſe eſtás na meſma frágoa
Daquella mulher meſquinha,
Que alçando a mão fóra d'agua,
Fez cos' dedos tizoirinha:

Teme o raivozo furor
Do Exercito dos Paraltas,
Que em armas ſe vai já pôr;
Tambem o das poupas altas,
Que he inimigo peior:

Guardão no peito odio velho
Por motivos ſimilhantes;
E ſe crês no meu conſelho,
Mata-lhe antes os Amantes,
Quebra-lhe o melhor eſpelho,

Prohibe-lhe as convulsões;
Abre-lhe ao cãozinho as veias,
Que para tudo ha perdões;
Mas nunca lhe chames feias,
Nem lhe entendas co' as Funções.

O VELHO.

SATYRA.

EM vão te quero fugir;
Fatal Velhice, as tuas ſettas
De perto me vem ferir;
Bem oiço o ſom das muletas,
E bem te ſinto toſſir:

Aſſim Natureza o quiz;
Já em teu rol me aliſtaſte;
Já em triunfo infeliz
Huns oculos arvoraſte
Neſte vencido nariz:

Vens agora em teu vaſſallo
Imprimir novos ferretes;
Aos juſtos me humilho, e callo;
Brotem nodozos joanetes,
Naſça em cada dedo hum callo:

Mas não dês com mão maldita
Caſtigo ſobre caſtigo;
Eu não fujo á lei preſcripta;
E teimar tanto comigo,
Não he lei, he rebemdita:

Queres que nojozo pranto
Já me créſte rubros olhos?
E não farta inda com tanto,
Alças barrete de folhos,
E já me apontas hum canto?

Já me mandas, que abafado,
Martyr de algozes receios,
Pardo lenſo ſobraçado,
Tente convulſos paſſeios
No meu Gallego encoſtado?

Venha o mal, mas não ſe apreſſe;
Sobre o conſultado eſpelho
Meu roſto não eſmorece;
Queres ſaber quem he velho?
He velho quem o parece:

Sei que a calva me condemna;
Que importuna côr deſdoira
A grenha, pouca, e pequena;
Mas eſta marrafa loira
Lança hum véo ſobre a gangrena:

Não me venha já fechar
Apreſſada mão ferina;
Tenho huma alma, e poſſo andar;
Quero da fiel Nerina
Pela rua paſſear:

Sizudo amor nos prendeo;
Nerina não quer ver rotos
Os laços que me teceo;
Quer conſagrar noſſos votos
Ante a faxa de Hymeneo:

Velhos da ultima idade,
Ao longo calção eſtreito
Mandão apertar metade,
Porque inda traz o defeito
De andarem nelle á vontade;

Pois ſe ha tantos refundidos
Com quem fazes groſſa a viſta,
Seja eu dos favorecidos;
Augmenta comigo a liſta
Dos teus eſcravos fugidos:

Deixa em fim, deixa abrandar-te;
Quando não, rebelde preza,
Heide as forças diſputar-te;
Tens por ti a Natureza,
Eu tenho o coſtume, e a Arte:

Troca a Arte annozos Freixos
Em doirado Bergatim;
Troca em Ninfas toſcos ſeixos;
E torna em alvo marfim
Podres, ſolitarios queixos:

Que importa que a côr grizalha
Me infame o roſto ronceiro,
Se em quanto da Europa ralha,
Leva fallador Barbeiro
Os meus annos na navalha?

Se em cortezaâ ſociedade
Lésbia contrafaz denguice;
E fiada no alvaiade,
Quer tributos na velhice,
Sem os ter na mocidade:

De tigellas rodeada,
Se á vontade os annos troca;
E por ficar bem pintada,
Com colhér dentro da bôca
Alteia a face engilhada:

Se a ſurda orelha applicando,
Por moſtrar que ouvíra tudo,
Vai co' a cabeça approvando
Maganão, que em ar ſizudo,
Serpente lhe eſtá chamando:

Se aſſim meſmo quer Amantes;
Se Alcino ajuſtando á Lyra
Mentirozos conſoantes,
A ſeus joelhos ſuſpira
Pelos brincos de diamantes:

Moço de meſquinha ſorte,
Que tendo á indigencia horror,
Vende amorozo tranſporte,
E entoa os hymnos de Amor
Ao Simulacro da Morte:

Pois ſe a Lésbia he permittido
Rebellar-ſe á Natureza,
E a ſeu duro açoite erguido;
Porque eſtupida baixeza
Hei de eu dar-me por vencido?

Cêdão trêmulos Jarretas,
Que já quatro idades contão;
De Cupido as mãos diſcretas
Sobre cinzas não apontão
As ſuas doiradas ſettas:

Ceda Anfronio, que aſſentado,
O queixo em vão maſtigando,
Na poltrona agazalhado,
Vai ſendo de quando em quando
Pelas filhas aſſoado:

Que dando rizadas tontas
Da contradança aos enredos,
E rezando ao ſom de affrontas,
As Netas apertão dedos,
Em quanto elle paſſa contas:

Sobre Anfronio aſſenta bem
Teu açoite levantado;
Contra mim ſem tempo vem;
Que em eſtando eſcanhoado,
Não me troco por ninguem:

Debalde de alcatruzar-me
Agora em vingança goſtas;
Vejo Nerina a eſperar-me,
Gritarei com dor de coſtas,
Porém hei de indireitar-me:

Gemão, ſubindo a calçada,
Meus torcidos oſſos velhos;
Que com a porta cerrada,
Pondo a cara nos joelhos,
Tomarei fôlgo na eſcada:

Entrarei fazendo agrados,
Comprados dentes moſtrando
Os meus beiços enſinados;
E nos aventaes lançando
Mãos cheias de rebuçados:

Direi mil amores ternos,
Ante Nerina ajoelhado;
Maſcarando os meus invernos
Com cabeção encarnado,
E botõeszinhos modernos:

Meu Tudo, vem hum primor;
Vale mais que mil Paraltas;
He o retrato do Amor;
Bem lhe eſtão as feições altas;
Vem hoje meſmo huma flor:

Senhora, são os enganos
Da belleza companheiros;
Em mim ſó ha deſenganos;
Tendes neſtes Cavalheiros
Mais prendas, e menos annos:

Outra idade me convinha
Para vos ſer bem acceito;
A accender a paixão minha
Venus contra o voſſo peito
Seus Ciſnes não encaminha:

Beijo-lhe a nevada mão,
E vou por ella mandado,
Pondo hum chapéo de galão,
Repetir, com pé virado,
Caſtelhana relação:

Mas tu, Velhice raivoza,
Só comigo impertinente,
Deſigual, eſcandaloza,
Com tantos tão indulgente,
Comigo tão rigoroza?

Forjando na teſta injuſta
Vís idéas inſultantes,
Gritas, que Nerina he juſta;
Que me lança aos circunſtantes,
E os diverte á minha cuſta:

Que he a travêſſa Nerina,
Que me fez ao Sol expôr
Dez manhans a huma eſquina;
Sendo as pagas deſte amor
Rizadas, e huma maligna:

Que dos ſete Amantes ſeus
Que ſuſpiramos feridos
Co' as ſettas do cégo Deos,
Eſcuta os ternos gemidos;
Mas por móſa, ſó os meus:

Que os olhos, que eu chamo Soes,
Meſtres de attractivas tretas,
Tem ſó oiro por faroes;
Que alli forja Amor mil ſettas,
Que levão na ponta anzoes:

Mas que barbara inſolencia!
Que injuſto, infernal conceito!
E es tu irmã da Prudencia?
Infamar hum caſto peito,
Throno de amor, e innocencia?

Unir-

Unir-ſe a Noite co' a Aurora,
Ver rebentar d'agua fria
Viva chamma abrazadora,
Mais facil iſto ſería,
Que ſer Nerina traidora:

Seus fiſcaes meus olhos são,
Inda d'antes que os ſeus paſſos
Tocaſſem paterno chão;
Vi-a creſcer nos meus braços,
Leio no ſeu coração:

Sem mim nunca póde eſtar;
Co' meu Moço á noite vou
A ſua porta rondar;
Quer ſaber que alli eſtou,
Goſta de ouvir-me eſcarrar:

Contando hiſtorias de Fadas,
Em horas que o Pai não vem,
E co' as pernas encruzadas,
Sentado ao pé do meu Bem,
Lhe dóbo as alvas meadas:

Seus eſcritos, que me affirmão
Singelo amor, fé ſegura,
Com o ſeu ſangue ſe firmão;
Pelos meus olhos o jura,
E as Criadas o confirmão:

A caça, a fina ſedinha,
De que as gavetas são fartas,
Com inveja da Vizinha,
O Pai meſmo lê as cartas,
Em que lhas manda a Madrinha:

Quando alguem mais ſedo chega
Nos dias de Companhia,
Aos p'rigos nunca ſe entrega;
Leva ſempre a auſtera Tia,
Inda a pezar de ſer céga:

E tu, Velhice cruel,
Manchas tão juſta paixão!
Com a lingua molhada em fel
Manchas puro coração,
A ſi, e a mim tão fiel!

Mas ainda a ſer evidente
Quanto queres inventar;
Apoſtolo impertinente,
Para que has de tu ſuar,
Se não ſua o Padecente?

Doces expreſsões ſinceras,
Meigo, carinhozo dó,
Suppõe que não são devéras;
Por ventura ſou eu ſó,
Que me nutro de quimeras?

Se poz Natureza crua
Em cada hum hum furor,
Só em mim a eſpada nua?
Se a minha teima he o amor,
Todos os mais tem a ſua:

Fabio, antigo Cavalheiro,
Mas que herdou ſó pergaminhos,
Quebrando hoje o mialheiro,
Deixou rotos os filhinhos,
E comprou hum repoſteiro:

Pede eſmola em baixa voz;
E alegre ſua alma nobre,
Zomba da pobreza atroz,
Beijando no dado cobre
As Armas de ſeus Avós;

Ticio, de Verſos fallidos
Fabricante impertinente,
Huns curtos, outros compridos,
Quer que gemão igualmente
As Imprenſas, e os ouvidos:

Enfaſtiados Freguezes
Jurão que eſte Author he louco;
O Cégo grita ſeis mezes;
E á noite, raivozo, e rouco,
Conta os meſmos Entremezes:

Mas Freira, que tem dinheiros,
E da *Fenis Renaſcida*
Repete tomos inteiros;
Dois triennios incumbida
De dar Motes nos Oiteiros:

Que hoje com dois eſtupores,
Buſcou dos banhos o abrigo;
Pródiga em xá, e em louvores,
He quem desforra eſte Amigo
Do deſprezo dos Leitores:

Ticio ri de ſemrazões,
Vende ás Tendas pelo vulto
As divinas producções;
E tem dó do Povo eſtulto,
Que goſta mais do Camões:

Pois ſe aqui na terra dura,
Que tu empeiorado tens,
Não ha ſolida ventura,
Deixa-lhe ao menos os bens,
Que finge a humana loucura:

Mas taes argumentos são
Para o meu cazo eſcuzados;
De Nerina a eſtimação,
Firme amor, doces agrados,
Não são bens de opinião:

Velho que attento namora,
Que arroſta calmas intenſas
Por ſervir a quem adora;
Que lhe cobra logo as Tenças,
Que he Comprador da Senhora;

Que he calado, que he pollido,
Que tem hum coração lizo,
Com outras não dividido,
Pelas Damas de juizo
He aos Moços preferido;

Que faz ſobrancelha preta,
Corpo esbelto, olhos bonitos,
Se ſabe a Dama diſcreta,
Que nos Cafés ſeus eſcritos
São a ſegunda Gazeta?

Mil relogios, mil fivellas,
Que aos Adonis muitas derão
Para huma irmã ir a Bellas,
A' terça feira pendêrão
Nas cabanas das Adellas:

Cui-

Cuidas que he hum Corollario
Ser velho amante infeliz?
Amor he muito arbitrario;
Manda eſte ſabio juiz
Muitas vezes o contrario:

Roto Diccionario antigo
Me dá neſte aſſumpto a mão;
Trata deſte meſmo artigo;
E inda que he mera ficção,
Atiça a luz ao que eu digo:

Branda doença tocava
De moço Marido o peito;
Terna Eſpoza o não deixava;
Deſgrenhada ſobre o leito,
Triſte pranto derramava:

Vem loquaz Medico forte,
Que com a penna homicida
Governa as coizas de ſorte,
Que nos eſteios da vida
Levanta o throno da morte:

Por elle os ais derradeiros
Em milhões de tectos voão;
Por elle folgão herdeiros;
E em mil hermos adros ſôão
As enxadas dos Coveiros:

A triſte victima então,
Que o ultimo inſtante goza,
Porque cahíra em tal mão,
Paſſou dos braços da Eſpoza
Para as garras de Plutão:

Não foi ver a clara luz,
Que em doce ſilencio raia
Neſſes vaſtos campos nûs,
Aonde o filho de Maia *
Piedozas ſombras conduz:

Foi ao Reino dos eſpantos;
O coitadinho paſmava,
Quando alli vio tacs, e tantos;
Vio muitos, que elle cuidava
Que erão neſte Mundo huns ſantos:

Mas

* Mercurio, filho de Maia, era na Fabula o Conductor das Almas aos Campos Elizios.

Mas o que mais o admirou
Foi ver ſeu velho Criado,
Que elle dos bons Pais herdou,
Por longas cans abonado,
E a quem a caza entregou:

Homem, lhe diz, que a ambição
Me vieſſe aqui trazer,
Pede-o a juſtiça, e a razão;
Quiz meu filho enriquecer,
E para elle fui ladrão:

Mas de ti me maravilho;
Dize, ó homem de conſelho,
Por que vieſte a eſte trilho?
Vim, reſponde o afflicto Velho,
Por ſer o Pai do tal filho:

Com eſta hiſtoria te enſino...
Porém tu me tens vendido;
E ás idéas que combino,
Vás co' teu queixo cahido
Dando hum ſorrizo malino:

Dizes que os annos eſcondo,
Fundando razões nos ventos;
Que á parte a verdade pondo,
A ſizudos argumentos
Só com fabulas reſpondo;

E em quanto te eſtou provando,
Que me devem ter amor,
Vás as ſettas affiando;
E o trahido Prégador
Com ellas ameaçando:

Fira embora a mão meſquinha,
Que eu nunca lhe cederei;
He Nerina a paixão minha;
E por cazas andarei
Atrás della em cadeirinha:

Ella virá ajudar
Meus tardos, mal firmes paſſos;
E por não me conſtipar,
Irão os ſeus alvos braços
As vidraças abaixar:

Sua bôca esfriará
Meu xá, ſe quente o ſentir;
Meus óculos limpará;
E para me fazer rir,
No ſeu nariz os porá:

Perdes em fim os cuidados
Sem vires cos' teus ſequazes,
Triunfantes, apupados,
Brinco, e medo, dos rapazes,
Os ſujos Gatos-pingados:

Então quando tendo alçado
Das triſtes, feridas cazas,
A Morte ſeu voo ouzado,
Encolher as negras azas,
E poizar no meu telhado;

Quando os dias que me agoiras
Sentirem o ultimo frio,
Que em teus cofres entizoiras,
E a Parca em meu debil fio
Fechar as fataes tizoiras;

Então ſim, então venceſte;
Os teus olhos fartarás
No triunfo que tiveſte;
Mas tambem então verás
A loucura que fizeſte:

Sem hum Velho aſſim jucundo,
Que ponha côr, ponha dentes,
Quaes são teus bens, qual teu fundo?
Ès o terror dos viventes,
Ès o maior mal do Mundo:

Sem mim, ſem minhas trapaças,
Sem ternura, ſem meiguice,
Sem eſtudadas negaças,
Como andaria a Velhice
A par do Amor, e das Graças?

Chora então quem te arrancou
O arraigado vituperio;
Que os horrores te affaſtou;
Que adoçou o teu imperio,
E que em te negar, te honrou;

E ſobre huma campa breve,
Com perfundado lavor,
Que a mão do Tempo não leve,
Em honra tua, e do Amor,
Eſte Epitafio me eſcreve:

Aqui, liza pedra, encobre
Hum peito nunca infeliz;
Todo o Amante animo cobre;
Vendo que eſte foi feliz,
Que além de velho, era pobre.

FIM DO TOMO I.

INDICE

Do que contém eſte I. Tomo.

SONETOS.

A N. Senhora - - - - - Pag. 3.
A Sua Alteza - - - - - - - 4. 5.
Ao Excellentiſſimo Senhor Marquez de Ponte de Lima - - - - - 6.
Ao Excellentiſſimo Senhor Marquez de Angeja - - - 7. 8. 9. 10. 11.
Ao Excellentiſſimo Senhor Conde de Villa Verde, hoje Marquez de Angeja - - - 12. 13. 14. 15. 16.
Ao Excellentiſſimo Senhor D. Diogo de Noronha, hoje Conde de Villa Verde - - - - - - - 17. 18. 19.
Ao Naſcimento do Excellentiſſimo Senhor D. Jozé de Noronha - 20.
No dia, em que o baptizou ſeu Tio o Excellentiſſimo Senhor Principal Almeida - - - - - - 21.
Fazendo annos a Excellentiſſima Senhora Marqueza de Lavradio - 22.

A' Excellentiſſima Senhora Condeça do Vimieiro - - - - - - - 23.
Ao Excellentiſſimo Senhor Conde de Villa Verde, hoje Marquez de Angeja - - - - - - - - - 24.
Ao Filho do Excellentiſſimo Senhor Marquez de Angeja - - - - 25.
Ao Excellentiſſimo Senhor Conde de Rezende - - - - - - - - 26. 27.
Ao Excellentiſſimo Senhor Principal Caſtro - - - - - - - - - 28. 29.
Ao Excellentiſſimo Senhor Luiz Pinto de Souza - - - - - - 30.
Ao Excellentiſſimo Senhor Jozé de Seabra da Silva - - - - - 31.
Ao Senhor Conſelheiro Franciſco Feliciano Velho da Coſta - - - 32.
Mote. O Illuſtre, o Benefico Tarouca 33.
Na deſpedida da Quinta das Lapas 34.
Aos annos de hum Juiz do Crime 35.
No dia, em que chegou a Náo dos Quintos - - - - - - - - - 36.
No ultimo dia de Férias - - - 37.
A dois Velhos jogando o Gamão - 38.
Aos que apontão á Banca - - - 39.
Convaleſcendo o A. de humas Sezões 40.

Na occaſião da Loteria Ingleza - 41.
A hum Taful, que proteſtou não apontar á Banca - - - - - - 42.
Ao Jogo da Banca - - - - - - 43.
Ao Jogo do Trinta e Hum - - 44.
Entregando o Ponto á Deoza Fortuna - - - - - - - - - - 45.
Ao Jogo do Iſque - - - - - 46.
A huns annos - - - - - - - - 47.
Soneto - - - - - - - - - - 48.
Deitando hum Cavallo á margem 49.
A hum Sujeito, que pela primeira vez ſe toſquiou - - - - - 50.
Soneto - - - - - - - - - - 51.
Sátyra ás Contradanças em dias de Prociſsões de Quareſma - - 52.
Pintando huma bulha de dois bebados 53.
A' impertinencia dos Sinos de Villa Viçoza - - - - - - - - 54.
A's Fivellas grandes - - - - 55.
Ao Mez de Janeiro - - - - - 56.
Soneto - - - - - - - - - - 57.
A' Mulher que açoitou o Marido - 58.
A huma Sege de aluguer - - - 59.
A Arte de Rhetorica - - - - 60.
Definição de Chanfana - - - - 61.

Aos

Aos Machos russos - - - - - - 62.
A humas Sezões teimozas - - - 63.
Sobre protestos de não apontar á Banca - - - - - - - - - 64.
A hum Cabelleireiro - - - - - - 65.

ODES.

No dia, em que Suas Magestades chegárão de Villa Viçoza - - 66.
Em louvor da Amizade - - - 72.
Ao Excellentissimo Senhor Marquez de Ponte de Lima - - - - 76.
Ao Excellentissimo Senhor Marquez de Angeja - - - - - - - 82.

MEMORIAES.

A Sua Alteza - - - - - - - 87.
Ao Excellentissimo Senhor Marquez de Ponte de Lima - - - - 101.
Ao Excellentissimo Senhor D. Diogo de Noronha, hoje Conde de Villa Verde - - - - - - - - 109.

SA-

SATYRAS.

O Bilhar - - - - - - - - - - 120.
A Guerra. Offerecida ao Excellentiſſimo Senhor Marquez de Ponte de Lima - - - - - - - - - 130.
Os Amantes. Offerecida ao Excellentiſſimo Senhor Marquez de Angeja - - - - - - - - - 148.
Offerecida ao Excellentiſſimo Senhor D. Martinho de Almeida - - 168.
A Função - - - - - - - - - 184.
O Velho - - - - - - - - - 203.

Erratas do I. Tomo.

A folhas 29, ultimo Terceto, ſegundo verſo, deve ler-ſe a palavra = Sobrinho = ſem virgula.

A folhas 39, ſegunda Quadra, ſegundo verſo, deve ler-ſe = parolim =

A folhas 78, primeira Strofe, quinto verſo, deve ler-ſe = cheas =.

A folhas 118, ſegunda Quintilha, ſegundo verſo, deve ler-ſe = a penna cai =

A folhas 139, terceira Quintilha, quarto verſo, deve ler-ſe = maniatados =

A folhas 198, primeira Quintilha, ſegundo verſo, deve ler-ſe = Frielleira =